

LUSTOSA DA COSTA



Contos de Sobral
e de outros sítios





Lustosa da Costa reside em Brasília, onde foi repórter político da sucursal de "O Estado de S.Paulo" e colunista político do "Correio Braziliense". É, atualmente, colunista político do "Diário do Nordeste", de Fortaleza. Iniciou carreira jornalística no "Correio da semana", de Sobral, e exerceu o posto de editor chefe de "Unitário" e "Correio do Ceará", jomais da cadeia "associada", na capital cearense. Em 2000 foi eleito membro da Academia Brasileira de Letras no lugar do goiano Bernardo Elis e ganhou o Prêmio Ideal Clube de Literatura, com o livro de crônicas "Rache o Procópio!". Em 2002, lançou, na Embaixada do Brasil em Lisboa, a edição portuguesa do livro "Vida, paixão e morte de Etelvino Soares", e em 2006, na residência do embaixador brasileiro em Portugal, "Clero, povo e nobreza de Sobral", também editado em Portugal, com a presença do ex-presidente da República, Mario Soares, e do presidente do Partido Socialista, Almeida Santos.



Livros publicados

Anuário do Ceará, edições de 1971, 1972 e 1973, em co-autoria com Dorian Sampaio.

Ideologia do favor, curral e cabresto. Fortaleza: Stylus Comunicações Ltda., 1977.

Por que sou candidato. Fortaleza: Edição do Autor, 1978.

Sobral do meu tempo. Brasília, 1982. (Coleção Lima Barreto do Senado Federal).

Cartas do beco. Fortaleza: Stylus Comunicações Ltda., 1983.

A travessia. Brasília: Senado Federal, 1984. (Coleção Hipólito da Costa).
Fortaleza, meu amor. Fortaleza: Stylus Comunicações Ltda., 1987.

Clero, nobreza e povo de sobral. Brasília: Centro Gráfico do Senado, 1987.

Clero, nobreza e povo de Sobral. 2. ed. Fortaleza: ABC Editora, 2004.

Clero, nobreza e povo de Sobral. 3. ed. Lisboa: Universitária Editora de Lisboa, 2006.

Louvação de Fortaleza. Fortaleza: Edições Casa José de Alencar, Programa Editorial da Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará, 1997.

Vida, paixão e morte de Etelvino Soares. 1997. São Paulo: Maltese, 2006. Editado em Portugal em 2002 pela Universitária Editora.

No aprês-midi de nossas vidas. Fortaleza: Edições Casa José de Alencar, Programa Editorial da Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará, 1997.

Como me tomei sexagenário. Fortaleza: Edições Casa José de Alencar, Programa Editorial da Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará, 1999.

Foi na seca do 19. Fortaleza: Editora ABC, 1999.

O senador dos bois. Sobral: Edições UVA, 2000.

Sobral, cidade das cenas fortes. Fortaleza: Editora ABC, 2003.

Ao cair da tarde. Fortaleza: Editora ABC, 2006.

TT das madrugadas. Fortaleza: Editora ABC, 2006.

Fortuna Crítica

Un grand merci, cher Monsier, por l'envoi de "Foi na seca do 19". Je me réjouis de lire votre nouveau livre dès que je disposerai du temps nécessaire. Car pour um étranger, votre portuguais, avec son vocabulaire très riche, n'est pas toujours facile! (Claude Lévi-Strauss, da França).

Gostei de ler um novo livro seu, de descobrir os amores de Geminiano e Belinha, a sexualidade enfim desperta dela. Sorri de certas observações feitas não nas entrelinhas, mas nas linhas, como "jamais ouvi falar que vida sexual atrapasasse carreira de administrador ou de político no Brasil", descobri uma porção de novidades - ova de curimatã, piaba torrada, por exemplo. Além de todo o contexto político da seca... (Clélia Piza, da França).

A minha porta de entrada para a "Vida, paixão e morte de Etevlino Soares" foi "Um promotor da fé". O seu conto chamou-me muito a atenção, pois o que mais se vê hoje por aí é o desaparecimento quase por completo dos (bons) contadores de estórias... Você é um autêntico contador de estórias. E uma das coisas que mais me admirou, terminada ontem a leitura do seu livro, foi nenhuma emissora de televisão ter-se interessado pelo filme que você dirigiu sobre a vida sobralense nos idos das primeiras décadas do século passado. Olhe, daria uma minissérie supimpa. (Cunha de Leiradella, de Portugal).

Ontem finalmente agarrei de um dos seus livros "Rache o Procópio"... Divertime deveras e saboreei a sua prosa em mangas de camisa com a graça que só os brasileiros sabem ter (um português desengravatado, como disse o Vinícius em casa da Amália)... O seu português é gostoso como gostosos são os pratos de que constantemente fala. Fico com águas na boca. Daqui a pouco atirar-me-ei ao segundo livro - "No aprês-midi de nossas vidas". (Onésimo Almeida, dõs EUA).



Com N.º 10
a verba adunada, a



Contos de Sobral e de outros sítios

LUSTOSA DA COSTA

Contos de Sobral
e de outros sítios

Fortaleza
2007

Contos de Sobral e de Outros Sítios

© 2007 Copyright do Autor

Impresso no Brasil / Printed in Brazil

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

LUSTOSA DA COSTA

Endereço:

E-mail: sobralense@uol.com.br

Revisão

Maria do Céu Vieira

Normalização Bibliográfica

Francisco Welton Silva Rios

Editoração Eletrônica

Francisco Welton Silva Rios e Francisco Batista

Capa

Francisco Batista

Ficha Catalográfica

L837c Lustosa da Costa,
 Contos de Sobral e de outros sítios / Lustosa da
 Costa. — Fortaleza, 2007.

104 p.

1. Contos – Sobral. 2. Contos – literatura brasileira.

CDD: 869.1

ISBN: 978-85-7563-307-6

Para Ivo Ferreira Gomes, irmão do ex-governador Ciro Gomes e do atual governador Cid Gomes, por enquanto deputado estadual.

SUMÁRIO

Apresentação	9
Um Promotor da Fé	11
A Morte do Padrinho	23
Deu Camelo, Meu Amor	38
Piquenique do Outro Lado do Rio	41
O Passador de Dinheiro Falso	48
Pai é Pai!	54
A Escrava	58
A Volta do “Médico”	63
O Piano Voltou a Tocar	66
Mulher e Mãe na Europa	70
Feliz Natal	74
A Teimosia	77
O Pai	80
O Marido	83
A Espera	85
O Tio	88
O Reencontro	91
Levanta a Cabeça, Macho!	95
O Pileque	99

APRESENTAÇÃO

Reuni em “Contos de Sobral e de outros sítios” produção literária concebida em tempo social, em condições bem diferentes dos vividos atualmente. Alguns são contos de aprendiz o que não significa serem os outros de mestre, porque são apenas resultado de maior experiência no ramo da escrita. Mais jornalística que literária. Quase todos são ambientados na diocese de Sobral, cidade de minha afeição, com a pesada presença do clero católico e de sua influência na sociedade. Alguns porém procuraram outros sítios, como cenário. Entre eles os que recordam experiência eleitoral de 1966 quando disputei cadeira de deputado federal pela oposição ao regime militar. Como os leitores facilmente hão de perceber, quase todos os contos se referem a acontecimentos anteriores à revolução dos costumes do final da década de sessenta. Alguns deles talvez não tenham maior mérito, como o do piquenique realizado do outro lado do rio Acaraú, senão o objetivo, para mim caro, de imortalizar o que penso ser um momento de lazer dos sobralenses naquela área, à época distante, de difícil acesso. Espero sejam lidos com a habitual indulgência dispensada a meus livros por críticos e eleitores. Se, depois da leitura, alguém lembrar um dos episódios contados, uma frase da narrativa, já me darei por bem compensado e feliz, pelo que desde já a todos agradeço. Para surgir o livro, tive a preciosa colaboração do amigo engenheiro Luiz Augusto Tiveron Borges, de Brasília, e a sempre prestante colaboração da professora Maria Clélia Lustosa Costa. A eles meu muito obrigado.

UM PROMOTOR DA FÉ

Os gestos largos, as duas mãos espalmadas espancavam o ar, no rumo do chão, quando argumenta, o discurso, povoado de lugares comuns e muita religiosidade, eis as características marcantes do novo promotor de Sobral, Mário Fontes, recebido na gare da estrada de ferro da cidade por três sacerdotes: Ignácio Montanha, Sigefredo Araújo e Expedito Azevedo. Antes mesmo de tomar o rumo do Hotel “Rendez – vous des Amis”, onde se hospedaria até que alugasse casa, pede licença para passar na Igreja do Rosário, ali próxima, para uma prece. À noite, seu primeiro compromisso social é apresentar cumprimentos ao bispo, dom Manuel Souza Lima, dois gestos que tornam alta sua cotação perante a comunidade católica local.

Em pouco, é presença obrigatória a todas as solenidades religiosas. Está nas procissões, bênçãos do Santíssimo, reuniões da Congregação Mariana, da Conferência de S. Vicente de Paulo, da Ação Católica e é quem entoia mais alto, com sua voz de barítono, os hinos religiosos, principalmente em latim. Um cristão exemplar, no julgamento do padre Sigefredo Araújo. Um príncipe, segundo Atilano Figueiredo, que, por sinal, conhece o passado de ateu e de pecador do representante do Ministério Público, antes do seu afortunado casamento com a filha de Eurico Arruda Linhares, comendador da Santa Sé e rico plantador de café nas Serras de Baturité e Guarimiranga. Um imbecil chapado é o primeiro comentário do juiz Aaftu Hog~ a respeito do promotor, no que foi advertido por Aristeu Honório Parente de que era mais sensato manter tal opinião reservada para atrair e não hostilizar o recém-chegado.

Logo que lhe chega a mulher, aproxima-se do casal Júlia e Juvenal de Almeida Borges, ele, oriundo de Mossoró, dono de um dos mais prósperos armazéns da cidade; ela, linda morena

de grandes olhos úmidos e espantados contra a quem, há uns três anos, se lançara a calúnia de estar namorando um viajante de Pessoa de Queiroz & Cia., de Pernambuco, rumor logo desfeito pelos fatos. O pai de Juvenal tornou-se o todo-poderoso chefe político da Meruoca aonde chegou, há quatro décadas, para cuidar da saúde. Juvenal é filho único de pai rico, rapaz que nunca enfrentou dificuldades na vida, muito competente nos negócios e muito fútil, uma dessas pessoas que vieram ao mundo para ir a festas e exibir o fraque e o colarinho mais elegantes.

Certa tarde em que sai mais cedo do armazém, Juvenal aparece em casa a tempo de ver Atilano Figueiredo entregar um livro à mulher, sussurrando-lhe algo ao ouvido. Não gosta e o diz. Ao indagar do que se tratava, ela lhe conta que eram poesias de Casimiro de Abreu. Nem se dá ao trabalho de conferir, pois jamais abrira um livro, a não ser nos tempos de escola. Percebe, contudo, um leve rubor no rosto de Julinha, ao se deparar com um pedacinho de papel azul. Quando quer pegá-lo, ela é mais rápida, adianta-se, faz dele uma bolinha e o engole, dizendo: “É uma tolice do Atilano.” Está, no entanto, vermelha. Ele se irrita, querendo saber a razão de tanto mistério. Ela, porém, cheia de dengue e charme, abraça-o, beija-o, dizendo-lhe bem próximo ao ouvido, a ponto de excitá-lo, que eram brincadeiras do Atilano, aquele maricas, que ia chamar a atenção dele porque vivia se dizendo apaixonado por ela, o que era falta de respeito daquele efeminado. Di-lo, porém, aproximando-se do marido, encostando o busto no peito dele, duma maneira tão enternecedora que ele, logo, a beija e parece tê-la perdoado.

Juvenal era um ingênuo, quase um tolo no tocante a certos assuntos. Pois não é que cai na besteira de contar o “atrevimento do maricas” no bar Itatiaya, justo numa roda de que fazia parte Jerônimo Arruda, uma das pessoas mais grosseiras da cidade? Faz-se um silêncio, grávido de insinuações. Júlio bebe o restante do seu copo de cerveja e indaga de Arruda sobre o que estava ocorrendo.

O outro pigarreia.

Juvenal se exalta, abotoando-o pelas bitacas e intimando-o:

- Diga o que está pensando, se for homem!

O outro, libertando-se dos seus punhos, encara-o num desafio, perguntando:

- Você quer mesmo ouvir ou duvida de que eu tenha coragem de contar?

- Desembuche, se for homem.

- Se eu fosse você, abria o olho.

- Como?

- Não era no maricas que cuidava.

- O que você quer dizer, canalha?

- Prestava atenção era no carola do doutor Mário Fontes.

Jerônimo é magro, falante e frágil. O violento soco que Juvenal Almeida Borges lhe desfere no queixo o prostra no chão, num rumor de copos e garrafas que se quebram. Logo a turma do deixa-disso contém os dois. Jerônimo, a distância, passa a mão no lugar atingido, murmurando entre os dentes:

Este corno me paga. Esse corninho manso vai ver que isto não fica assim.

José Cúri, o gerente do bar, temeroso de maior confusão, pede-lhe:

- Seu Jerônimo, mim não querer confusão em minha bar. Não insultar doutor Juvenal, não. Homem de Deus, ficar calado.

Jerônimo foi retirado do bar pelos amigos que atendiam ao pedido de Cúri enquanto Juvenal ainda permanece, exaltado, tomando vários conhaques. Dali sai para pegar o revólver no armazém e ir ao encontro do promotor tomar satisfação.

- Doutor Mário Fontes, o senhor me autoriza a revelar o que me revelou, sob segredo de confissão, que nunca teve nada com dona Julinha.

De olhos baixos, os braços pendidos, arrasado, o promotor confirma com um “sim” em voz débil. De repente, subitamente inspirado, diz:

- Padre Sigefredo, pode dizer, ainda, ao Júlio e a quem interessar que, como cristão, não tenho medo nenhum de morrer, se houver chegado o dia...

- Não é bem assim, discorda o sacerdote.

Inspirado, ele prossegue:

- ...se for a vontade de Deus que não podemos evitar. Não me incomodaria em morrer, padre, injustamente. Pouco importaria, a não ser à minha querida mulher. O que, porém, me importaria e muito, me deixaria a eternidade inteira desassossegado, seria que, por minha causa, a reputação de uma mulher casada, inocente, fosse maculada.

Ele fixa, intensamente, o padre, a fim de captar o efeito que a declaração lhe causou.

Este, comovido, registra:

- Doutor Mário, é bom ouvir as palavras de um homem verdadeiro, que é também um cristão exemplar.

- Que nada, padre. Sou um pobre pecador.

- Vou repetir o que o senhor me disse ao Juvenal, à cidade inteira, para botarmos logo tudo em pratos limpos.

Enquanto o padre caminha pela Rua do Menino Deus, em direção à Praça do Mercado, Fontes respira fundo, aliviado, convencido de que se continuar a ser tão persuasivo, o risco estará afastado, sua carreira não sofrerá ameaças e com a ajuda de Deus, a torcida dos padres e de Atilano, nada afetará sua amizade ao casal.

Noutro dia, quando tudo parece serenado, o promotor está conversando, na calçada de casa, com o padre Sigefredo Araújo enquanto sua mulher, dona Odaléia, martela o piano, sem gênio nem inspiração. É fim de tarde. Sopra brisa fresca que contrasta com o calor do dia. De repente, aproxima-se, com ar transtornado, Juvenal de Almeida Borges. Nem cumprimenta o padre. Vai logo dizendo ao dono da casa:

- Doutor promotor, quero um particular com o senhor.

E alteando a voz, como que pra criar coragem, acrescenta:

- De homem pra homem.

Fingindo espanto, Fontes se levanta devagar da cadeira de balanço em que estivera sentado, os olhos súplices, na direção do sacerdote.

- Particular? Comigo? O quê?

- Questão de honra, doutor. Vamos resolver já.

Fontes percebe que Juvenal está armado. Padre Sigefredo também se levanta e lhe diz:

- Como vigário de Cristo, as questões de honra me interessam.

E se interpõe entre os dois.

Juvenal, menos agressivo, saca o revólver. Fontes se protege atrás do corpo do sacerdote. O comerciante grita:

- Não agüento mais o falatório do povo. Vou matá-lo.

Ele puxa o revólver. Dona Odaléia, indiferente a tudo, continua a martelar, furiosamente, o piano. Fontes está apavorado. Juvenal então explica:

- Padre, vou matar este impostor para lavar minha honra.

- Honra? indaga Fontes, ainda escondido atrás do sacerdote.

O tom da voz do comerciante baixa. Ele está quase chorando:

- Ele, padre, tentou arruinar meu lar, minha vida, mandando bilhetinhos pra minha mulher.

O promotor, então, cria coragem e diz, com voz alterada, à frente do padre:

Se é assim, pode me matar. Não tenho medo de morrer.

O comerciante não esconde o espanto. Segura, frouxamente, o revólver, pendido para o chão, sem saber o que fazer. Fontes, sentindo-se o dono da situação, prossegue:

Pode me matar. Não me incomodo. Só faria falta à minha santa mulher que tem meios de sobreviver. Não passaria necessidade. O que não queria, continua ele com emoção e firmeza, era morrer, sabendo que fica pairando uma suspeita terrível sobre a honra de mulher tão respeitável. O que me dói ao coração não é perder a vida. É o senhor, seu Juvenal, que parecia meu amigo, acreditar em calúnia tão sórdida.

O tom de voz é elevado e convincente. O padre Sigefredo o apóia:

- O doutor Mário Fontes já me havia dito, em sigilo de confissão. Como ele me autorizou a repetir sua confissão, em público, faço-o para dissipar essa calúnia contra a honra de dona Julinha. Em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo...

O promotor se benze. Atarantado, Juvenal o imita. O padre prossegue:

- Em nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, seu Juvenal, eu o concito a acreditar na voz do padre que está ouvindo. E não em conversa de bêbados, no bar.

Juvenal balbucia palavras ininteligíveis. O promotor, agora mais firme, empenha a honra no juramento:

- Juro pela minha honra e pela honra da minha mulher que se trata de sórdida calúnia.

Juvenal repete como um autômato:

- Calúnia, calúnia, realmente uma calúnia. Logo em seguida, o padre Manfredo, mansamente, o leva pelo braço, para casa.

Gastão Maldonado e Manuel Florêncio Borges, depois da missa dominical na Catedral da Sé, folheam jornais e revistas, espalhados sobre mesa com tampo de mármore da sala de visitas do “Rendez-vous des Amis”. Comentam a notícia de que a sociedade sobralense vai oferecer almoço de desagravo ao comerciante Juvenal de Almeida Borges. Tudo para dissipar as calúnias espalhadas, na cidade, contra sua fidelíssima mulher, dona Julinha, por conta de livros que o recém-chegado promotor, doutor Mário Fontes, lhe empresta, através de Atilano Figueiredo.

- Como é isso, Olímpia?

- Sabe, doutor Gastão, nessas questões não gosto de meter minha colher de pau... responde ela, cheia de estranhas cautelas.

- Só quero entender, alega Maldonado, mordiscando um pedaço de rapadura encerada.

- Dá tua opinião, Olímpia, pede Borges.

Olímpia baixa a cabeça, como se refletisse sobre se deve ou não falar. Tira uma baforada do charuto, esfrega o chão com o pé direito, como se tentasse remover alguma mancha, e diz:

- Já tenho tanta confusão na minha vida... Além do mais, o Juvenal é uma pérola de rapaz, um pouco ingênuo, talvez por causa das facilidades de vida que sempre teve. O pai dele, desde que se estabeleceu na Serra da Meruoca, compra terras ali, a Julinha possui algum gado.

Um pouco impaciente, Maldonado aparteia:

- Não queremos que você fale mal deles, não. Só queremos que nos explique a história desse desagravo.

Olímpia silencia por instantes. Depois, parece render-se à pressão dos forasteiros:

- Quando começaram os boatos sobre dona Julinha e o doutor Mário Fontes, houve intensa revolta. O casal é muito querido. Não faz mal a uma mosca. O promotor tem-se portado corretamente. Foi, então, que surgiu a idéia do almoço.

- Isto não amplia o boato?

- Houve quem assim ponderasse. Mas o padre Sigefredo pegou o pião na unha.

O Aristeu, por politicagem, tentando atrair o promotor pro lado deles, marretas, se empolgou, esclarece Borges.

- O Atilano bateu com a língua nos dentes, em toda a parte.

- E o falatório? insiste Maldonado.

Olímpia explica:

- Uns acham que aumenta. O padre Sigefredo, que vive no mundo da lua, acha que o almoço com a presença das pessoas mais importantes da cidade é uma pá de cal. Gozador, como ele só, o padre Epaminondas anda sugerindo que, pra desfazer de vez todos os rumores, o orador do desagravo deve ser logo o acusado, o doutor promotor. Mas já falei muito sobre isso. Vida particular dos outros não é assunto que me entusiasme, não.

À porta de “O Equilíbrio”, Ataliba anuncia:

- Vão oferecer almoço ao Juvenal por causa do chifre que lhe botou o promotor.

Sungando as calças, fungando, Aristeu Honório Parente protesta:

- Aí, não, Ataliba. Aí eu conheço.

Ele pronuncia tais palavras com tanta firmeza que intimida Ataliba. E prossegue:

- Não admito que você diga uma coisa dessas sem me ouvir.

Ataliba está calado, acovardado, de cabeça baixa, orelhas vermelhas, temeroso da reprimenda do juiz municipal, cujas cóleras são tempestuosas e terríveis.

Aristeu, então, explica:

- O que houve foi uma tremenda confusão.

Ataliba, humilde, procura informar-se:

- Como foi então, doutor?

Aristeu conta:

- Confusão que o santo padre Sigefredo, com a ajuda de Deus, desfez.

Ataliba se surpreende com a unção do juiz, embora não o comente.

- De fato, o promotor emprestou um livro a dona Julinha, através do Atilano que, todo enxerido, botou, entre as páginas, um bilhete. Quando Juvenal quis folhear o volume, dona Julinha ficou com medo do mal entendido e rasgou o papel. Ele não gostou. No Itatiaya, numa roda de cerveja, contou o acontecido, com a maior inocência do mundo. Foi ridicularizado, pegou corda. Falou até em matar o promotor.

- E aí? É Ataliba quem quer saber do final.

- Felizmente, o padre Sigefredo havia confessado o promotor e sabia que nada havia entre ele e dona Julinha. Pediu sua autorização para levantar o sigilo da confissão. Quando o Juvenal, todo exaltado, armado, apareceu, o doutor Mário Fontes lhe disse que não tinha medo de morrer. Não queria, porém, pairasse a calúnia contra dona Julinha. Foi uma cena comovente, de arrepiar, disse o padre Sigefredo, que estava presente e foi o autor da boa ação. Pôs fim à amargura de um marido e restaurou a confiança na esposa. Padres, assim, honram o clero, honram a Santa Madre Igreja, honram Sobral.

Ataliba ouve a fala de Aristeu, visivelmente incomodado. Nunca vira e ouvira o juiz, sempre tão desbocado, tão imoral, tão pornográfico, falando tão sério. Pede licença e se retira. Espera algum tempo, a distância, que o juiz saia para interpelar Júlio Aragão sobre sua reação.

Seu Júlio, não entendi a reação do doutor Aristeu quando lhe falei da calúnia contra o Juvenal, queixava-se.

- Por causa daquele sermão?

- Sim. Nunca o tinha visto falar daquele jeito.

- Ataliba, você se fez de criança. Não entendeu porque não quis.
- Ora, o doutor Aristeu gosta tanto de ouvir minhas novidades.
- Ele tinha todos os motivos para não embarcar em tua canoa furada. Foi dos que mais deram corda para o almoço de desagravo.

- Por que essa paixão roxa?

- A política.

- Que é que tem de política nessa questão de chifre?

- Os preciosos cinquenta votos que o pai do Juvenal controla na Serra da Meruoca e que são sempre do doutor Jordão. Sem falar que juiz e promotor tudo é a mesma coisa. O Aristeu, decerto, quer atraí-lo pro lado dele.

- Hum. Agora estou entendendo. A coisa fica mais clara.

- Você sabe que o Aristeu é assim estabanado, barulhento, nervoso, cheio de filhos de moita, mas só é doido no que lhe convém. Em política, jamais sai dos trilhos. Nunca dá passo em falso.

- É mesmo.

Enquanto eles conversam, Atilano passa, ao largo, todo apressado em seus passinhos miúdos.

- Atilano, vem cá, grita-lhe Júlio Aragão.

- Vais tirar o pai da força?

Atilano aproxima-se da roda, sem muita vontade, confirmando:

- De certa maneira, vou.

- O que é que vais fazer com tanta pressa? Indaga Ataliba.

- Ando atrás de uma toalha grande de linho para a mesa principal do Grêmio.

- O que é que vai haver de tão importante lá?

- Vocês não sabem?

Os dois se fazem de desinformados. Atilano, então, informa:

- É o almoço de desagravo ao Juvenal. A toalha do clube está surrada, cheia de manchas de vinho e de sopa. Vou ver se consigo emprestada aquela de dona Abigarina que foi usada no almoço ao presidente do Estado.

- Pra que este requifife todo?

- Porque todos nós, sobralenses da gema, queremos seja uma festa bem bonita. Eu mesmo vou fazer a decoração, escolher as flores. O Juvenal merece, dona Julinha, também. Sem falar no doutor Fontes que é um encanto, um amor.

- Hum, ele também será desagravado?

- Bem que devia. É um moço sério, piedoso, muito católico. Imaginem, ser objeto de calúnia dessas. Além do mais, com aquele rosto másculo, aqueles cabelos pretos, aquelas madeixas, as poesias que declama. É lindo, lindo, lindão. Adeus, meus amores. Estou indo.

Ataliba segue-lhe o andar rebolado com o olhar. Júlio Aragão lhe pergunta:

- Esse interesse do Atilano no almoço, os elogios ao promotor. Será que ele gosta da fruta?

Despedindo-se, Ataliba deixa a dúvida no ar:

- Quem é que sabe, seu Júlio?

Realiza-se, nos salões do Grêmio, o almoço em solidariedade ao Juvenal de Almeida Borges. O clube está repleto de altas personalidades sobralenses. O jornalista Jesualdo Rodrigues chega a comentar:

- Se o Juvenal fosse candidato a vereador, se elegia, sem sair de casa.

O instante de suspense ocorre quando da entrada, no primeiro andar do sobrado, onde acontece a homenagem, do promotor de Justiça, doutor Mário Fontes, acompanhado do padre Sigfredo Araújo. Ao se defrontar com Juvenal, há inevitável constrangimento. Ele estende a mão, meio encabulado. Ante o

estímulo do sacerdote, se abraçam, efusivamente, o que rende palmas entusiasmadas dos presentes. Logo todos se sentam. Não se servem bebidas alcóolicas, por exigência do padre Sigefredo, com o que concorda, prudentemente, Aristeu Honório Parente, o único orador da solenidade e que viera de casa, devidamente abastecido. Notava-se, pelo avermelhado do rosto, o quanto de conhaque Macieira já consumira.

No brinde, ele começa por onde sempre começa todos os seus discursos, pelo inferno verde em que morrera um dos seus irmãos, Aristides.

- O cearense integra raça de bravos a que a própria Amazônia, o terrível inferno verde, presta vassalagem. Debaixo daquele imenso caramanchão de clorofila, os valentes sertanejos enfrentaram e geralmente venceram as cobras gigantescas, as onças ferozes, a terrível malária.

Adiante, Aristeu justifica a homenagem:

Cearense de Sobral, digo-o, com a voz embargada de emoção e, por que não dizê-lo? ao mesmo tempo, sob o guante do imperativo racional da verdade, quero saudar, na pessoa de dona Júlia, ausente, e de Juvenal de Almeida Borges, que nos honra com sua presença, a felicidade, a lealdade e a doçura da perfeita vida conjugal que a peçonhenta calúnia jamais azinhavará. A homenagem da sociedade desta heráldica cidade a este casal símbolo de todas as virtudes cristãs e conjugais.

No canto da mesa, o promotor, Mário Fontes, concorda com a cabeça, ouvindo todo o discurso, contrito, com muita atenção, como se não quisesse perder uma só palavra. Ao final, também muito cumprimentado, sai na companhia do padre Sigefredo Araújo com o qual chegara, feliz por haver provado sua inocência e a inocência de dona Julinha.

A MORTE DO PADRINHO

- Quero me confessar, padre Ignácio, – diz Nininha, ajoelhando-se junto ao leito do padre Ignácio Corrêa Lima. O marido, Amâncio, sai do quarto do moribundo para que ela possa contar seus pecados.

- Ora, Nininha, estou morrendo.

- Padre-mestre, quero me ouça em confissão.

O padre Ignácio sorri, debilmente, em seu leito modesto e murmura:

- Só se for de batina, como na primeira vez...

Chorosa, Nininha chama Amâncio no quarto ao lado para que pegue a batina do sacerdote no guarda-roupa e o ajuste a vesti-la, por cima do pijama.

O marido vem, desajeitado, trazendo a batina negra e indagando a Nininha, em voz baixa:

- O esforço não vai fazer mal?

Padre Ignácio, baixinho, murmura, referindo-se à Morte:

- Agora, Amâncio, só ela me poderá fazer mal...

- Que nada, meu padrinho. O senhor vai pular, de novo, essa fogueira...

Sem muita confiança, o padre se ergue na cama e pede:

- Ajude-me a vestir a batina para que Nininha possa ser ouvida em confissão.

Os dois, marido e mulher, com muito cuidado, vestem a batina, há tanto tempo guardada, sentam o padre e lhe colocam travesseiros às costas para que possa officiar o sacramento da confissão.

- Agora saia, Amâncio, para que eu possa me confessar, diz Nininha. E, em voz baixa, acrescenta:

- Fique em casa. Fique por perto.

Nininha, ajoelhando-se junto ao leito do enfermo, segura sua mão e lhe diz em voz baixa, olhando-o nos olhos:

- Padre, tenho um pecado a lhe confessar..

O padre abre os olhos, com vaga curiosidade e, abençoando-a com a mão, pede:

- Confesse seu pecado, minha filha.

- Padre, há trinta anos cometo esse pecado...

O padre ergue um pouco a cabeça, depois rende-se ao cansaço, à doença e reclina-a sobre o peito, com sorriso débil:

- Prossiga, minha filha.

- Padre, é que continuo apaixonada pelo senhor.

Comovido, o moribundo acende um brilho no olhar. Aperta a mão de Nininha com a firmeza possível do último instante de sua vida.

Ela percebe que ele agoniza e grita:

- Vem cá, Amâncio, segura a mão do padre. Ele está morrendo.

Aos prantos:

- O padrinho está morrendo, ai meu Deus!

Amâncio, atarantado, tropeçando nos chinelos do padre, passa para o outro lado da cama, se ajoelha para segurar a mão esquerda do sacerdote e nela encostar o rosto.

Logo se levanta e grita para a mulher, chorando:

- Ah! Meu Deus, que desgraça! O padrinho morreu.

E se aproxima da mulher, a abraça e ambos, em desespero, se lamentam:

- E o que vai ser de nós, Nininha? Nosso pai está morto? Está morto, que coisa mais triste nos poderia acontecer?

Três décadas antes, numa manhã de sol em Guaraciaba, o

vigário se encaminhava para a Casa Paroquial, apressado como era seu jeito.

- A bença, padre.

Padre Ignácio Correia parou e automaticamente:

- Deus a abençoe.

Tratava-se de uma mulher e uma mulher muito bonita e provocante, ele se deu conta. Com sorriso maroto, ela perguntou:

- Posso acompanhá-lo?

Ainda distraído, padre Ignácio Correia respondeu:

- Claro que não.

Não ficaria bem andar pela rua da cidade, acompanhado dessa mulher que, de alguma maneira, o tocava e o perturbava. Ela insistiu:

- Queria ser ouvida em confissão, padre.

- Pois vá no horário de costume: antes da bênção do Santíssimo.

Ela se despediu e ele voltou às preocupações com a reforma da capela do Charito e com o risco de aftosa em algumas vacas da fazenda.

Àquela mesma noite, ela se perfumou. Pôs outro vestido mais decotado que o usado de manhã, cobriu o decote com um véu e foi ao confessionário. O padre estava cansado, suarento e sem um pingo de paciência para ouvir aquela velha beata, dizendo que chamara pelo cão, outra que não se benzera quando passara diante da igreja e uma terceira querendo saber se era pecado mortal ter bebido um pouco de água de madrugada, antes de receber a comunhão. Ele se animou ao ver aquela mulher, famosa por sua beleza e por andar na boca do povo como sendo namorada do patrão do marido, fazendeiro do Crateús. A terceira a se ajoelhar aos pés do padre.

Tremendo, cheia de emoção e audácia:

- Senhor padre, tenho um terrível pecado a lhe confessar.

- Terrível, por quê?

- Porque é muito sério o que vou lhe revelar.

- O que é?

- Padre, nem sei se lhe devo confessar.

- Claro que deve. Está garantida pelo sigilo do confessor.

- Eu conto ou não conto? ela se perguntava.

O padre Ignácio Correia já impaciente pedia:

- Conte logo que tenho de dar a bênção do Santíssimo.

- Padre, eu estou...

- Está o quê, minha filha?

- Minha filha, repetiu ela emocionada.

- Minha senhora, corrige ele. E continua em tom autoritário:

- Conte logo que não posso mais perder tempo.

- Padre, estou apaixonada.

- Sim e daí?

- Estou apaixonada pelo senhor, padre!

- Que conversa maluca é esta? Uma mulher casada!

- Pois é, padre, sabia que o senhor não ia compreender.

- Tenho de perdoá-la se a senhora estiver arrependida de querer trair seu marido.

- Prometo que vou tentar, padre.

O padre lhe deu penitência de rezar um rosário, todos os dias e, logo, alto, corado, forte, voz possante, estava dando a bênção do Santíssimo e se recolhendo a casa onde o esperavam a irmã, sempre despeitada com ele, e a mãe, manobrada por ela.

Uma semana depois, Nininha acorre ao confessor.

O padre Ignácio Correia lhe pergunta:

- A senhora criou juízo?

Ela não respondeu, cabeça baixa.

O sacerdote insistiu:

- Como é, já se emendou?

- Não, padre, para falar a verdade, piorei.

- Piorou, como?

- Padre, piorei e muito.

- Piorou para que lado?

- Padre, já que o senhor pergunta, vou lhe responder:

Estou ainda mais apaixonada pelo senhor. É uma doideira, um fogo por dentro de mim que só penso no senhor, só quero o senhor.

- Minha filha...

- Minha filha, repetiu ela, emocionada.

- Minha senhora, a senhora está em pecado mortal. Além de estar pensando em trair o marido ainda quer fazê-lo com quem jurou voto de castidade, com quem não pode ter nada com a senhora mesmo que não fosse casada.

O padre mandou-a rezar mais um rosário.

Ela contrapropôs:

- Padre, o senhor devia rezá-lo comigo lá em casa. Pode ser que isto passe.

- Ora, minha senhora.

- Minha filha, repetiu ela, toda feliz.

- Vá lá em casa rezar comigo, meu marido e minha irmã. Aí posso até me curar dessa obsessão.

- Pois bem, depois da bênção, vou lá. Rezar pelo menos um terço.

- Posso contar?

- O seu marido estará lá? Sua irmã também?

- Claro, padre, apesar do meu amor pelo senhor, sou uma mulher casada.

O padre ficou matutando. Andara tão ocupado com a paróquia e com suas fazendas que praticamente se esquecera do sexo. E, de repente, a tentação daquela mulher bonita, cheirosa, cheia de carnes, que se lhe oferecia. Como fazer?

Ainda em dúvida sobre o que faria, pensou consigo mesmo que nada podia ocorrer porque ela estaria com o marido e a irmã em casa. Perfeito. Foi.

Lá chegando encontrou as duas irmãs muito alegres.

- Cadê o Amâncio?

- Olha, padre, o coronel Felizardo mandou chamá-lo inda agorinha. Tem um problema que só ele pode resolver duma rês sumida. Que o coronel teme possa ser comida por uma onça que tem aparecido lá na Fazenda Serrote dele. O Amâncio foi, contrariado, porque queria rezar com o senhor. Ele tem a maior admiração pelo senhor, padre. Fica para outra penitência.

- É pena, disse o padre, meio sem jeito.

- Quer tomar um cafezinho?

- Não.

- Um aluá de ananás?

- Não. Acabei de jantar.

- Então um licorzinho feito em casa?

- Vá lá, só um pouquinho antes de rezar.

Ela foi buscar o licor enquanto a irmã acendeu uma vela diante do santuário. Havia três travesseiros no chão para proteger os joelhos dos que iam rezar.

O padre sorveu o licor, achou-o forte e comandou as orações:

- Agora vamos ao terço.

Ela esperou que ele se ajoelhasse para fazer o mesmo, ficando a seu lado.

- Creio em Deus padre todo poderoso, criador do céu e da terra...

E foram rezando. Estava perto do fim quando bateram à porta:

- Dona Zazinha, dona Zazinha?

- O que é, Tonico? Que alvoroço é esse?

- É que dona Violante está passando mal e mandou lhe chamar.

- Agora?

- Agora que não sei o que fazer com a aflição dela.

Zazinha se levantou, como se estivesse com pena de sair, e pediu licença para se retirar.

A irmã recomendou:

- Esfrega um pano com um pouco de álcool no nariz e nos pulsos dela que passa já. E volta logo para a gente terminar o terço.

A irmã saiu. Ela, de pé, o padre ajoelhado, perguntou:

- Padre, levante-se e vamos esperar a mana, sentados.

O padre se levantou meio sem jeito e ela lhe apontou a cadeira de couro, pregueada de tachas de metal, a principal da casa.

- Sente-se aí na cadeira do dono da casa.

- Não, dona, a cadeira é do dono.

- Que nada, padre. Não há ninguém mais importante aqui que o senhor, padre. Sente-se.

O padre atendeu meio sem jeito. E ela lhe disse:

- Agora quem está com vontade de tomar um licorzinho sou eu. E mais que depressa foi buscar no armário de portas de arame a garrafa de licor e uma xícara de café.

Bebeu, fez uma careta e perguntou ao padre:

- Não quer mais uma, padre, para esperar a Zazinha?

- Até não seria mal.

Ela lhe passou a xícara em que bebera o primeiro gole.

Quando ele a pegou, brincou:

- É para o senhor saber meus segredos.

E antes que padre Ignácio respondesse acrescentou:

- Aliás, o senhor não gosta de ouvir meus segredos...

O padre sorve o licor duma vez. Ela coloca mais na xícara. - Para mim, não, ele protesta.

- É para nós, replica ela.

- Estou com medo de ficar tonto.

- Que nada, descanse um pouco aqui em casa, deite-se na rede. Ele se deita e ela fica numa cadeira ao lado, passando a mão sobre a cabeça, sobre o cabelo suado até que se senta na ponta da rede, ele a abraça e eles se enroscam na rede e o padre ainda tem receio de que o dono da casa volte. Ela o tranqüiliza, jura que não há o menor perigo de o marido voltar e eles se amam.

Ignácio bem que recebera insinuações do bispo, dom Manuel, para ficar em Sobral, ao lado do padre Mariano, seu favorito.

Seu sonho, porém, era ser vigário de sua terra, substituindo o velho e encatarroado padre Linhares. O bispo chegou a brincar:

- Um padre brilhante como você se esconder naquele buraco. Merecia coisa melhor.

Quando falava, comovido, da sua cidade, o bispo brincava:

- Mas aquilo é o oco do mundo.

O jovem padre queria voltar à terrinha, como vigário, pregar o sermão na igreja da matriz, ser respeitado como representante de Deus e fazer muita coisa na paróquia, na cidade. E rever, do alto da sua autoridade de pároco, os colegas de infância, muitos que, àquele tempo, se consideravam superiores a ele. Sua expectativa de felicidade não era, no entanto, completa. Temia enfrentar a antiga e persistente rivalidade da irmã Crisantina, amarga solteirona cuja vida azedara desde quando o noivo, viajante comercial, lhe telegrafara, de repente, anunciando seu casamento com outra na cidade de Parnaíba. A única coisa desagradável das férias do seminarista Ignácio era a companhia da irmã. Esta controlava a mãe, não a deixando fazer nada sozinha. Estabelecera absoluta dependência sobre ela. E tinha medo de que Ignácio percebesse isso e tentasse mudar. Era um despeito permanente.

Quando voltou ordenado sacerdote e designado para ocupar a primeira paróquia em sua terra, Guaraciaba, a irmã quase morre de desgosto. Evitou, de todas as maneiras, que a mãe fizesse maiores despesas, gastasse muito para tornar mais bonito o almoço que ofereceu em honra do novo padre. E ao lhe entregar o comando das propriedades, disse sibilina:

- Pode não ter aumentado. Diminuído, porém, nunca. Espero o mesmo de você.

O padre se pôs a multiplicar o patrimônio, ouvindo sempre receios da irmã injetados na mãe. Medo de que perdessem o que tinham, levado na enxurrada dos compromissos assumidos.

No começo, o jovem padre só tinha olhos, mãos e pés para o seu ofício. E, também, para as fazendas que ampliara, cujo gado melhorara de qualidade, para a introdução de novas técnicas de criatório e agricultura. O maior do seu esforço era a serviço de Deus. Das festas, novenas, bênçãos do Santíssimo, melhoria de capelas nos distritos, a realização das grandes festas católicas. Nos fins de semana, gastava as energias, em correria desenfreada a cavalo, atrás de reses perdidas ou

amoitadas. O bispo, dom Manuel, veio vê-lo, em visita pastoral, e passando o polegar direito na palma da mão esquerda, velho hábito, não economizou elogios à paróquia e o ao desempenho do vigário, para mau humor de Crisantina.

Ao ver o irmão chegar, fora do horário habitual, a irmã não resiste a uma indireta:

- Estava tangendo alguma ovelha para o seu rebanho, padre-mestre?

Ele repele-a com um gesto. Com a mão. Sabe, porém, que ela vai continuar a investigar sua vida, passo a passo, e infernizá-la ao máximo quando souber do que aconteceu.

Numa cidade pequena como Guaraciaba, não lhe foi difícil logo saber das constantes visitas do irmão à casa de Nininha. Crisantina, agora, estava por cima da carne-seca e, por isso, não perdia oportunidade de soltar piadas e piadas grosseiras sobre a mancebia da amante do padre com o patrão do marido.

- Está achando que é grande coisa sujar a batina com o sobejo do coronel Felizardo?

- Estava socado na casa daquela quenga? Foi acerto de vocês dois com o marido?

Sempre que ele volta para casa, ouve as mesmas críticas:

- Herdaste o sobejo do coronel Felizardo? Entraste naquela família de raparigas?

Ele manda-a para o inferno, levanta a voz. A mãe interfere sempre a favor da filha.

Noutras noites repete as perguntas:

- É assim que honras o sacerdócio com aquela cotrovia?

Uma vez, o padre se irritou tanto que ficou com o rosto

muito vermelho como se fosse dar um ataque. Sofreu uma crise de estômago que o fez vomitar todo o jantar. A mãe ficou preocupada. Mandou preparar um chá de marcela.

A amante conta à irmã sua noite de amor com o padre como um triunfo.

- Zazinha, minha irmã, fui coberta pelo padre.

- Que é que tu disseste?

- O que você ouviu, minha irmã.

- Parece coisa de bicho. És, por acaso, uma vaca, como as vacas do coronel Felizardo? E ele?

- Coisa do passado. Posso compará-lo com um padre? E um padre como o meu?

- Que é respeitado pelo bispo, faz discurso quando o governador visita Guaraciaba, diante do qual prefeito, juiz e médico baixam a crista.

- O meu?

- Claro, é meu e será sempre meu. Um padre culto, rico, respeitado pelo bispo, não um beradeiro analfabeto e grosseiro.

Silenciou um instante e prosseguiu:

- Sem falar que o marido tem verdadeira adoração pelo padre. De primeiro, se ajoelhava para lhe beijar as mãos. Está morrendo de vaidoso de o padre lhe haver confiado a guarda de tudo o que é seu: fazendas, gado, aluguéis. Assim tudo fica muito mais fácil.

- Não cuspa no prato, irmã, em que tanto comeu e até se lambuzou.

- Cuspo, enfim, posso cuspir.

- E teu marido?

- Está resolvido. Vai cuidar, agora, das fazendas do padre.

Ao saber da contratação de Amâncio para chefe dos va-

queiros das fazendas, Crisantina se aproveita da decisão para suas insinuações:

- Vai assumir todo o papel do coronel, o antigo patrão?

O padre levanta a cabeça do prato em que tomava seu cuscuz com leite, sem entender, logo, a crítica. Quando a percebe, fica vermelho de raiva e, aos gritos, diz à irmã.

- Vá pro inferno, moça velha neurastênica.

Magrinha, mal humorada, Crisantina, de mãos às cadeiras, replicou:

- Quem vai pro inferno é padre que não respeita os mandamentos.

O padre Ignácio levanta-se irritado como se fosse espancar a irmã. A mãe, que vinha chegando do quarto, implorou:

- Pelo amor de Deus, vamos parar com essa desavença...

- Não fui eu quem provocou...

- Foi, sim, desafiou a irmã.

E acrescentou:

- Ele entregou todas as fazendas ao marido daquela siri-gaita. Espero que só as dele.

- Foi mesmo, padre? indagou a mãe.

- Foi, mãe, estava muito cansativo para mim.

- Hum, hum, hum, ironizou a irmã num muxoxo.

As brigas se tornaram tão freqüentes que o padre, certa noite, avisou à mãe que ia sair de casa.

- Para onde, padre?

- Vou morar na Casa Paroquial.

- Naquele desconforto?

- Pelo menos, terei paz, sem ouvir as indiretas da Crisantina.

Uma noite, estavam mãe e filha sentadas em cadeiras à calçada quando passa o doutor Sisnando, chefe da Oposição. Tira o chapéu e saúda as duas. A irmã retribui o cumprimento e avisa à mãe:

- O doutor Sisnando está dando boa-noite, mãe.

A velha, atarantada, quase se levanta da cadeira de balanço.

- Não, mãe, não precisa se levantar. É só responder.

Ela, incerta, responde ao cumprimento.

Quando o doutor se distancia, quer saber da filha se acabou a briga porque o doutor era adversário do padre que fizera insinuações sobre a ligação da UDN com o comunismo ateu e alusões a Sodoma e Gomorra por conta da solteirice do outro.

- Que nada, mãe!

- Como, filha?

- Coisas do passado. Encheram a cabeça da gente de histórias contra o doutor Sisnando que é homem fino. De bons costumes. Só ofende a comida que come. Só quem ainda acredita nisso é a Clotilde, parteira. Mas ela tem velha questão de terra com o doutor Sisnando.

A mãe, de vontade débil, logo aceita a nova maneira de tratar o antigo inimigo.

Intrigas continuadas da irmã que se aproxima dos inimigos do irmão. Eles propõem o afastamento do sacerdote da paróquia. Ela hesita em assinar. Assina. Aí eles pedem que insista junto à mãe para que, diante do comportamento do padre, peça sua substituição e a oportunidade de um retiro, uma penitência no Seminário de Sobral para se arrepender dos pecados e salvar a alma. A mãe reluta, mas termina cedendo. Nesse mesmo dia, os adversários do vigário contratam um caminhão para levar ao bispo a carta. Quando sabe disso, o padre fica

transtornado. Passa em casa e trava tremenda discussão com a irmã. Muda-se de vez para a Casa Paroquial. Antes, porém, passa na mercearia do Procídio e compra dois litros de Cinzano. Nininha ainda vai lá e lhe dirige apelo para que não beba muito, promete estar sempre ao lado dele, mas tem de voltar para casa. O padre dorme, bêbado, e no dia seguinte não celebra missa. O doutor Sisnando redige dezenas de telegramas de denúncia contra ele por haver adquirido a bebida e, no dia seguinte, frustrado os católicos que não assistiram ao santo sacrifício da missa.

- Por que você está transtornado, meu filho, de cabeça virada por aquela mulher?

- Até a senhora, mãe, acredita nessa história?

- Até eu, meu filho, que tinha tanto orgulho do sacerdote que você era.

- Sacerdote, eu sempre serei.

- Não deste jeito, meu filho. Não foi esta a vida que imaginei para você.

- Se é assim, vou sair e ficar longe dessa casa.

- Em pecado mortal, sendo pedra de escândalo, não o queremos mesmo aqui, não.

- Isto foi a Crisantina que pôs em sua cabeça. Botar a mãe para ficar contra o filho.

- Não, meu filho, não sou, não posso ser contra você, e, sim, contra a vida que está levando.

Depois que se muda para a Casa Paroquial, padre Ignácio passa a maior parte do tempo na casa da amante até que perde a titularidade da paróquia, é suspenso de ordens e se muda para Fortaleza com o casal. Para sua saída da cidade, Nininha e Amâncio contratam um caminhão que vem pegar os três de madrugada para levá-los a Fortaleza onde residiriam

em modesta casa que os dois haviam comprado. Vão viver comedidamente com as rendas do casal porque o patrimônio do sacerdote praticamente se acabara com as desastradas vendas dos seus bens quando embriagado. Ali o desgosto, as bebidas e a falta do que fazer devastam seu organismo.

Sua morte emociona o casal. Marido e mulher choram como crianças diante do passamento.

DEU CAMELO, MEU AMOR

É domingo no barulhento bar Antártica onde se reúne a elite da cidade, depois da missa na Catedral da Sé. De repente, Jesuíno, de terno branco impecavelmente passado, se ajoelha no chão, diante duma mesa, e reverencia algo que depois se descobre ser uma cédula de quinhentos mil réis, para espanto de seus camaradas. Ele, então, explica:

- O Patrício acaba de me dizer que devemos respeitar o dinheiro. Ter o máximo de respeito por ele...

-...

Os outros não parecem entender o alcance da piada. Ele explica:

- Concordo com ele, em gênero, número e grau. Para demonstrar isso, estou logo ficando de joelhos diante desse deus, deste chefe da religião do Patrício. Só assim, pode ser que ele me proteja...

Patrício ri meio sem jeito. Não demonstra, porém, arrependimento nem qualquer vontade de renegar seu pensamento que acabara de expressar. Por dentro, no entanto, refervia, de ódio do Jesuíno, rapaz rico que não precisava suar a camisa para ganhar o pão de cada dia, vivendo, à tripa forra, na casa do avô milionário depois que o pai morrera, de repente, sem deixar um tostão de seu. Apenas o amor do pai que o tinha como filho preferido, transferido, agora, para o neto preferido, adorado, que viera morar em sua casa.

Patrício e Jesuíno namoram duas irmãs, filhas dum aristocrata da cidade que se supõe rico e todos também. As moças, então, eram vistas como princesas com cuja mão os homens sonhavam. Não eram apenas finamente educadas. Uma delas havia até estudado na Escola Doméstica de Natal. Elas borda-

vam, costuravam, pintavam, tocavam piano e falavam francês. Eram de família tradicional, e durante algum tempo passaram por milionárias.

Tanto assim que Patrício, uma vez, ao se arrufar com a pretendida, Águeda, disse ao amigo por que sonhava com a reconciliação:

- Este casamento é tudo para mim.

- Por quê? Pergunta o outro, risonho, que nunca viu o amigo apaixonado.

- Tenho de casar com a filha do seu Germano.

- Tenho. - Tens, por quê?

O outro fez gesto de enfado. Como Jesuíno mostrasse curiosidade, esclareceu parcialmente:

- Você não pode entender isso porque nasceu feito. Eu não! Tenho de fazer tudo por mim, pra mim. Sabe como comecei?

- Sei que não foi fácil, mas...

Jesuíno não concluiu a expressão do pensamento porque ia dizer que as dificuldades iniciais do seu companheiro não o obrigavam a casar com uma filha do João Germano.

Patrício nunca traz dinheiro no bolso. Quando traz, alega que não tem trocado. Quando alguém adverte Jesuíno para o fato, ele o despreza, generoso:

- Deve ser porque esqueceu. Deixem que pago: mais Deus tem para me dar.

- Quando as críticas persistem, desiste de defender o futuro concunhado:

- De fato, é meio pão-duro, meio mão de vaca. Mas ninguém mais prestável que ele. Dá a vida para fazer um favor. Ninguém tão atencioso comigo. Tenho de lembrar isto também.

Já Jesuíno é benquisto por todos. Ninguém tão animado nas festas. Chega ao requinte de mudar de camisa, três vezes, na noite, camisas que leva para o clube e que, no dia seguinte, lavadeira de sua casa vem buscar no Grêmio. Ninguém tão gentil com os cavalheiros, tão amável com as damas, em contraste com a sizudês (ou timidez?) de Patrício.

- Este casamento começa bem, nega. Você é pé quente, diz Jesuíno ao ganhar bom dinheiro, numa partida de cartas em Recife, justo quando suas reservas acabaram muito antes que ele esperava, o que preocupava sua mulher, Gerviz. Ele gastava como milionário, como se tivesse todo o dinheiro do mundo a seu dispor. Já ia recorrer a um amigo do avô quando ganhou no carteadado num clube pernambucano.

PIQUENIQUE DO OUTRO LADO DO RIO

Ataliba freqüentava os três pontos de encontro mais movimentados da cidade. A porta do Jornal O LÁBARO, dos conservadores, a calçada do Hotel da Olímpia, democrata, e a da Casa Estrela, de Antônio Mendes Vasconcelos, neutra de simpatia para os democratas. A partir das dezessete horas, começava a se formar a roda da porta da Casa Estrela. O próprio dono dava o sinal de partida, ao vestir o paletó e vir para a entrada. A freguesia já escasseava. Começavam a chegar os companheiros de papo que ficavam de pé, encostados à parede. Raramente, aparecia um moço de recados ou uma empregada doméstica, com uma encomenda atrasada. Eram atendidos pelo irmão do dono da loja, José Mendes Vasconcelos. Ali se vendia desde livros de oração a fumo para as lapelas em caso de luto, de enxadadas a vinho do Porto. Era o grande armazém da cidade.

Um viajante de Alves & Brito, Epaminondas Barbosa, terminou o trabalho mais cedo e caiu na besteira de ir à Casa Estrela, à procura do papo, às quatro horas da tarde. Antônio Mendes, por trás do balcão, ainda em mangas de camisa, o interpelou:

– O que é que o senhor deseja?

– É que... gaguejou o caixeiro.

– O que é que o senhor quer mesmo?

O viajante, sem jeito, para se safar do aperto, respondeu:

– Um copo com água.

– Carneirinho! Gritou Antônio Mendes para o contínuo, traz um copo com água para o amigo.

O contínuo foi buscar a água no grande pote de barro.

Tirou a touca de pano da boca da jarra, pegou uma cane-

ca com que encheu o copo e levou-o ao visitante que o bebeu, fora da loja, sob o olhar intimidador de Antônio Mendes Vasconcelos, que, ao final, perguntou:

– É só?

Dia seguinte Epaminondas, que madrugava e era excelente vendedor, terminou cedo o expediente. Passou no Hotel da Olímpia, tomou um banho, mudou de roupa e todo frajola foi bater à calçada da Casa Estrela.

Não entrou, porém, ficou andando de um lado e outro da calçada, fazendo hora. Ao avistá-lo, Antônio Mendes chamou o contínuo e em voz alta mandou:

– Carneirinho, leve o copo com água ao senhor Epaminondas lá fora!

É que somente às cinco horas da tarde, quando o calor amainava, soprava um ventinho gostoso lá pras bandas do Aracati, começava ali, à porta, a revista dos acontecimentos do dia. O Clementino, um dos filhos do dono do cartório, chegava com notícias de namoros escandalosos, de tudo o que dissesse respeito à vida sexual da cidade. Depois, o Ataliba, que era o leva-e-traz dos fuxicos, porque, a essa hora, já passara pelo Hotel da Olímpia, soubera da chegada dos novos viajantes e estivera em O LÁBARO, sabendo do Josenildo qual seria a resposta que ele daria aos ataques de O COMBATE. Padre Rufino, a caminho da Igreja de Santo Antônio, sempre evitando dar a mão para que as beatas e as crianças lhe pedissem a bênção com medo de micróbios, sempre interessado na política, punindo pelos marretas, e mais uns três outros fregueses circunstantes, o juiz municipal, o médico, doutor Sigismundo dos Santos, e o promotor doutor José Maria Gonçalves. O Ataliba, coxeando, chegou afrontado:

– O tenente Sampaio está noivinho da filha do coordenador da Câmara.

– A Natividade? Perguntou Clementino, frustrado por não ser o primeiro a contar a novidade.

Antônio Mendes, espichando o suspensório com os polegares, perguntou:

– Mas o tenente não é casado em Fortaleza? Não tem até uma filhinha?

– Caixeiro-viajante, marinheiro e soldado, Toinho, é uma mulher em cada porto, comentou o padre Rufino, tomando o seu rapé, como se nada do mundo fosse mais capaz de surpreendê-lo.

Ataliba, empenhado em chamar a atenção dos presentes, puxou outro assunto:

– Vocês leram a piada do Etelvino com a mulher do Jesualdo? Aquilo ainda vai dar em sangue.

– Como? Perguntaram todos.

Ele, com ar triunfante, olhou superiormente para o desconsolado Clementino:

– Vocês não viram a piada sobre a convocação do terceiro suplente para a Câmara? É coisa do Etelvino, envolvendo dona Rosária e o botador de água.

– É mesmo?

– Pois não vi nada disso na nota não, Ataliba. Você está enxergando chifre em cabeça de cavalo. É assunto político.

– Político, é? Não viu, padre, porque o senhor vive para outro mundo. É muito santo demais para entender dessas misérias, replicou Ataliba.

– Também não acredito nisso não, aparteu Clementino.

– Posso ser bom, mas não sou tapado, atalhou padre Rufino.

Antônio Mendes desviou a discussão:

– É se meter em palpos de aranha. O Jesualdo é homem muito violento, tem um temperamento difícil. Vocês conhecem o Sólon, lá da Gruta. Quando ele ainda era carroceiro, mas já

abonado, melhorando de vida, numa roda em que ele estava, no café do Camerino, no Beco do Cotovelo: “Coronel, do jeito que as coisas vão, daqui a pouco, homem branco que nem nós não vai poder comer carne”. Jesualdo, olhando-o atravessado, passou-lhe a mão nos peitos que quase o derruba da cadeira: “Você é besta cabra, pensa que sou seu parceiro? Já se viu mulato sarará como você, neto de escravo, dizendo-se homem branco?! Conheça o seu lugar!”

O padre Rufino ouve o relato espantado e, ao final, comenta:

– O Jesualdo é homem esquentado, mas anda muito entretido com seu trabalho, seu gado, suas fazendas, para se preocupar com esses fuxicos, essas intrigas.

Antônio Mendes, tirando o relógio da algibeira e apontando com os olhos na direção de Clementino e Ataliba, diz ao padre:

– Padre-mestre, não falta gente ruim para levar e trazer histórias.

– É mesmo, concorda.

– Não há dúvida, diz também Ataliba.

Antônio Mendes, guardando o relógio, faz o convite:

– Domingo, o pessoal do Grêmio vai fazer um piquenique lá em casa. Vocês darão muito prazer se aparecerem.

– Mas eu não sou sócio do Grêmio, ponderou Clementino.

– Não é sócio do clube, mas é meu convidado.

– O rio não está muito perigoso para atravessar? A correnteza não está muito forte? Indagou Ataliba.

– Está um pouco, mas dá para passar tranqüilamente. Afinal, o canoeiro não é você. É ele quem vai botar força. Pedi ao Javan para aumentar o número de canoas, domingo. Amanhã durmo logo lá para limpar e arrumar a casa. Vai também a Euterpe. Só aí são nove pessoas, com os instrumentos e tudo. Vai ser animado.

Domingo, cedinho, as famílias já estão a caminho do trapiche. A maioria vai a pé. Outros a cavalo. Há até quem chegue de rede. Dona Filomena, muito gorda, muito comilona, muito preguiçosa que já na canoa queria comer o farnel que trouxera: galinha com farofa, prato típico de viagem. Os empregados conduzem cestos com comidas, bebidas, redes, armadores. A Euterpe vai à frente tocando um dobrado.

Chapéu de palhinha, roupa clara, bengala, sapato de duas cores, Eduardo Tavares, o homem mais elegante da cidade, noivo em Camocim, explicou a um amigo que trouxera duas cestas:

– Uma, são comidas locais. Na outra, umas compras que fiz na Merceria Andrade, do Frederico Andrade, em Massapê. É lá que compro minhas lagostas, meu salmão e minha bebida, uma cervejinha Guinness que não agüento a Paraense, um conhaque francês para rebater. E para as moças, trouxe um vinhozinho “Lágrima de Ouro” para quem aprecia.

– Você pode, não é, Eduardo? Rico, moço e solteiro. Comenta o padre Rufino.

– Às suas ordens, padre. Não é questão de dinheiro. É questão de gosto. Gostaria que o senhor me desse a honra de partilhar essas guloseimas.

Prossegue a procissão das famílias, antes do sol alto, rumo ao trapiche da Igreja das Dores. Vão protegidas por guarda-sol e chapéus. O tenente Sampaio, muito alto, muito alvo, um pouco gordo em sua farda de gala, conversa com Natividade que se defende do sol com sua sombrinha azul. O pai, o coordenador da Prefeitura, Raimundo Correia, homem desinteressado da vida, sem graça, com seu ar desconsolado, anda um pouco à frente deles de braços dados com a mulher Abigail, mulata gorda, forte, visivelmente incomodada pelo vestido novo, os saltos altos. Um pouco atrás um empregado do Hotel da Olímpia, o Jonas, conduzia para o tenente frutas, doces e uma galinha de viagem.

Os participantes do piquenique vão-se arrumando cautelosamente nas canoas. Natividade, por descuido ou de propósito, ao estender o pé para o barco, escorrega e é o tenente que a segura, impede que ela caia, abraçando-a por inteiro, ante o olhar malicioso de outras mulheres que já estão acomodadas. O pai, Raimundo Correia, olha a cena, com total enfado. E as canoas vão atravessando o rio, obrigando os canoeiros a esforço redobrado por causa da correnteza.

No portão de sua casa, Antônio Mendes Vasconcelos, de paletó claro, chapéu de palhinha, sapato de duas cores, fazendo o gênero desportivo, recebe o convidado:

– Ataliba, que bom que você veio.

– Vim, mas estou botando o coração pela boca. Morri de medo da correnteza!

– Tome logo um gole de “Sacode” que você já se reanima!

– Bom-dia, seu Raimundo, bom-dia dona Abigail. Cadê a Natividade? Ah, vem lá atrás. Obrigado pela presença.

– Senhor presidente, dona Berenice, muito obrigado. Espero um belo discurso, doutor Marinho, igual àquele de sua posse.

– Qual nada, Mendes, são seus olhos. É sua amizade, diz o doutor Marinho, um senhor claro, ligeiramente pálido, gordo suado, apertado num fraque escuro, de cartola e tudo.

E todos vão entrando na casa-grande, armando redes nos alpendres, colocando as cestas de comida nas grandes mesas ou então debaixo de uma latada, preparada especialmente para o piquenique, o chão molhado para evitar a poeira.

Por ocasião da panelada, o dono da casa bate palmas e pede silêncio. Padre Rufino falou saudando o dono da casa e os convidados, pedindo para todos a bênção de Deus. Quando termina, Mendes pede:

– O meu amigo doutor Bernardo Marinho fala pelo dono da casa e pelo clube.

Limpendo a boca com um guardanapo amarrado no pescoço, mais corado do que quando chegara, pelo vinho, doutor Bernardo Marinho se levanta, tira o guardanapo, ajeita o colarinho, pigarreia e começa:

– Meus senhores e minhas senhoras. Está mortalmente pálido. Faz uma pausa que deixa os presentes angustiados com a possível falta de inspiração. Prossegue, por fim, para tranqüilidade de todos:

– É com a voz embargada de emoção e, por que não dizê-lo? com o coração em festa, que participo desse almoço na casa solarenga de Antônio Mendes Vasconcelos, a quem ergo a minha taça. Todos se voltam para dona Juvência que não é tão matrona assim e que baixa os olhos comovida:

– Não sou bom anfitrião, como Antônio Mendes, mestre na arte de receber aqui, ágape e até em sua loja, no final das tardes.

– Não apoiado, protesta levemente Mendes.

– Estou, porém, aprendendo com ele e buscando seu exemplo para poder no Grêmio oferecer festas tão bonitas, receber tantos amigos e poder dizer-lhe, dando voz aos sussurros do meu coração, obrigado, muito obrigado!

Ele se senta enquanto o dono da casa vem cumprimentá-lo. Por trás da cadeira, sem se levantar, padre Rufino toca-lhe de leve as costas, parabenizando-o. O tenente Sampaio, de pé, escorado nos punhos da rede em que Natividade está deitada, bate palmas, o rosto inundado de felicidade.

De três para quatro horas, começa a arrumação das cestas, o desarmar das redes, a convocação dos canoeiros para a volta.

O PASSADOR DE DINHEIRO FALSO

O doutor Cristóvão Dias termina o exame de Teobaldo Bezerra que permanece no quarto, entregue aos cuidados da mulher e da filha. Na acanhada sala de visitas, o médico tira o fraque do chapeleiro e começa a vesti-lo com a ajuda de Espiridião Neves, genro do dono da casa:

– O coração já não agüenta mais. Foi muita pressão, muita humilhação. Ele está fraquinho.

– Bota até meia-noite?

– Acho que bota. Pode até durar mais. Considero, porém, o caso perdido.

– Foi bom o senhor me informar porque há uns assuntos pendentes a resolver ainda.

O médico faz um gesto de que não tem nada com isso, põe o chapéu, pega a valise e sai.

Espiridião volta e encontra a mulher que sai do quarto, os olhos cheios de lágrimas, a quem diz:

– Não bota a meia-noite.

Ela começa a chorar baixinho.

– Tenho de conversar uns assuntos com ele.

– O coração dele não agüenta. Não fala isso com papai:

– E o dinheiro?

– Que dinheiro? Se ele tivesse dinheiro, você acha que estariam passando as privações que estão?

– Ele pode ter escondido em algum lugar. Vai ser uma botija para daqui a anos quando as cédulas nem valerem mais.

– Deixe disso. Você não é rico? Não vive tão bem? Para que esta ambição toda?

- E os nossos filhos?

- Não estão bem?

- Você não quer o melhor para eles? Vamos apertar o velho.

- Não fale assim. Vou conversar com mamãe. Ela pode falar sem magoá-lo.

- Tem que ser rápido, antes que ele morra!

Algun tempo depois, mãe e filha chamam o genro para se despedir de Teobaldo Bezerra, enrolado nos lençóis, a voz muito fraca, quase chorando.

- Já me confessei a Deus a quem entreguei minha alma. Não há dinheiro, Espiridião, não!

- Mas houve!

- Calma, meu filho, deixe o papai explicar tudo sem agoniá-lo.

- Foi uma tarde desesperada. Os marretas estavam sob pressão dos rabelistas. Só vim a saber da chegada da polícia de Franco Rabelo minutos antes. Estava sozinho em casa. Desesperado. A Francisquinha se encontrava em Santana. Eles vinham me prender. Fiquei morrendo de medo da cadeia. Da distância da família. Sabem o que fiz com os pacotes de dinheiro? Tirei-os do forro do quarto.

- E então? Indaga o genro, impaciente.

- Joguei-os todos para dentro do quintal do compadre Gaspar. Eram quase quinhentos contos de réis. Foi minha salvação na hora. A polícia não encontrou uma cédula aqui em casa. Em compensação, perdi tudo. Quando voltei de Fortaleza, já livre, fui procurá-lo. Tentar um acordo. Ele nem me recebeu. E espalhou que não o fazia porque eu desonrava sua amizade, sua confiança. Passou a falar de mim em toda a cidade. A pedir minha expulsão do Clube dos Democratas. E a prosperar.

Sei que ele ficou com todo o dinheiro. Estava de cima. Era rabelista rubro. Ia colocando a mercadoria em praças diferentes.

Uma vez em São Luís. Outra em Belém. Depois em Manaus, em Salvador, no Rio. Trocava tudo em jóias. Ficou tão rico que se mudou para Fortaleza e se elegeu deputado estadual pelos democratas. É considerado um dos homens mais sérios da política.

Um grupo de senhoras no Grêmio conversava sobre a súbita riqueza de Teobaldo Bezerra:

– Gastou seiscentos mil réis no vestido da mulher para o *réveillon*.

– Aquela tabaroa que diz “poblema”, “trankilo”, “nós vai”, “nós é”?

– “Nós vai”, “nós é”, mas está mandando buscar um automóvel na A. Santos & Cia., por mais de oito contos de réis.

– Que marca é?

– Um Sedan Ford mais luxuoso que o do irmão do doutor Jordão. Por oito mil e duzentos réis para ser exato, entregue lá na Praça do Ferreira.

– Vocês viram o jeito pretensioso dela? Quanto mais cara a jóia, mais ela desmerece o presente, para insinuar que tem outras mais valiosas.

– Ela se vira pra gente e diz: “O Teobaldo tem uma mania besta: Comprou esse anel de brilhante que eu nem quero na Loja Krauser por dois contos de réis e é de que eu menos gosto”.

– Terá sido herança?

– Será?

– Algum seringal no Amazonas?

– Terá desenterrado botija?

– Não sei. Chegou aqui do Crateús, alguns anos atrás, puxando uma cachorrinha. Não tinha onde cair morto. Foi arrendar um talho pra vender carne no mercado.

– Agora já é dono de armazém. E o pior, “A Sobralense”, um título que não podia ser usado por um tabaréu de fora, numa cidade como a nossa.

– A mulher passa o dia ouvindo o gramofone.

– E anda se gabando de que comprou um cinematógrafo Pathé porque não gosta de “se misturar” no São João. E enjoa com o cheiro de querosene do motor.

– Ele comprou o prédio vizinho ao Eloy Sena. A dinheiro.

– Está querendo comprar um sítio na serra, de preferência o do doutor Carlos Teófilo, aquele que foi pro Rio pra nunca mais voltar.

– Agora, o safado do Etelvino tá no rastro dele.

– O que ele diz?

– Todo dia dá uma piadinha sobre a Casa da Moeda que funciona lá no Bairro Fortaleza.

– Mas o Teobaldo não mora na Praça Senador Figueira?

– Mas tem um outro armazém lá praqueles lados.

– O COMBATE está sempre falando de que apareceram umas pelegas de duzentos e quinhentos mil réis falsas lá pras bandas de Oeiras, de Floriano, tudo na compra de gado. E vocês se lembram de que, de anos pra cá, o Teobaldo vive praqueles bandas.

– Tenho pra mim que o Etelvino o que quer mesmo é o “milho”. Algum “arame”, diz o doutor Aristeu Honório da Silva.

Muito gorda, braços e pescoço cheios de jóias, abanando-se com grande leque, dona Rosa Amélia Honório da Silva comentava com sua amiga Raymundinha Arruda, numa festa do Grêmio:

– Você viu o vestido espalhafatoso da Totonha do Teobaldo Bezerra?

– Espalhafatoso, mas custou seiscentos mil réis, informa dona Mundinha, o dedo comprido segurando os óculos sobre o nariz.

– Tudo isso? Não é possível? Para vestir aquela tabaroa que diz “poblema”, “trankilo”, “nós vai”, “nós é”?

– “Nós vai”, “nós é”, mas “nós tem” vestido de seiscentos mil réis, minha filha - completou a outra.

Na rodinha que se forma todas as tardes, na entrada da Casa Estrela, os comentários são iguais.

Fumando, tomando rapé, o juiz aposentado Aristeu Honório da Silva comenta com Júlio Aragão:

– Ouvi falar que o Teobaldo está encomendando um automóvel Ford por mais de oito contos de réis em Fortaleza.

– Oito contos? Mais caro que o do irmão do doutor Jordão, observa o jornalista Jesualdo Rodrigues.

– É o que o Etelvino vive dizendo lá no Hotel Bitu. Que ele só pode fazer isso porque virou pros marretas. Tem as costas quentes.

– Isso não tem nada com política.

O Jornal O COMBATE começou a insinuar que a difusão da moeda falsa somente fora possível graças à proteção do governo. Agora, não, era o regime da lei. Não podia haver mais impunidade. O certo é que a cidade passou a viver sob os rumores de que vinha um destacamento policial só para investigar o assunto.

No trem da tarde, chegaram doze praças sob o comando de um tenente, Eduardo Bezerra.

Teobaldo, porém, foi avisado a tempo e correu para casa. E antes que caísse a noite, jogou para o muro do vizinho, Napoleão Gaspar, pacotes e mais pacotes de cédulas de 1000, 500 e 200 mil réis que recebia de Portugal no fundo falso de barris de vinho.

Quando a polícia chegou os vizinhos vieram às portas da rua, curiosos para ver sua reação. Teobaldo estava de pijama, na calçada, sentado numa cadeira de balanço, conversando com a mulher e os filhos. Homem calmo, sempre muito bajulador, untuoso, foi ele que acendeu os lampiões, ajudou a busca em casa e chegou a oferecer um cafezinho com tapioca aos policiais. Nada foi encontrado pela polícia. O tenente até lamentou ter que levá-lo preso à capital, porque era a ordem que recebera. Lamentava. Não queria molestá-lo por causa das crianças e dos filhos mais crescidos, mas ordens são ordens.

Teobaldo concordou, falando baixinho. Embarcou no dia seguinte, no trem especial para Camocim, de lá tomou o navio para Fortaleza. Dois meses depois estava de volta, triste, macambúzio, sem ânimo para os negócios que foram definhando, como sua saúde. Vendeu a casa na serra e adoeceu gravemente.

Já o vizinho Napoleão Gaspar, que tinha um talho de carne no mercado, começou a prosperar. Inventou uma viagem para Belém a fim de receber herança de um tio solteirão. Mudou Fortaleza, no Rio, em suas joalherias. Já o outro, Teobaldo, nunca mais teve sossego, nem na hora da morte. Na agonia, acossado pelo genro, revelou que não tinha dinheiro.

Jogara toda a fortuna, e não era só o dinheiro falso, vindo de Portugal, o verdadeiro também, no quintal do vizinho.

O dinheiro vinha para Teobaldo, do Porto, no fundo falso de barris de vinho. Desbaratada a fábrica em Vila Nova de Gaia, a polícia de Portugal mandou à sua congênere brasileira a relação dos sôfregos consumidores dos dois produtos de fabricação na cidade, bom vinho e melhor dinheiro brasileiro.

PAI É PAI!

O comício começou mal. Havia gente demais no caminhão improvisado em palanque, o serviço de som falhava de instante a instante, e só ganhou animação com a chegada de caminhões e mais caminhões, um deles da sede do município donde viera com meu pai.

Por mim, roendo as unhas, o coração aos pulos, só esperava o momento de falar, torcendo para que tudo desse certo. O tenente Aguiar contava, aploplético, como fora preso pela polícia da UDN, de Faustino Albuquerque, só por ser do PSD, e que estava com Romão Patriolino para o que desse e viesse. Depois uma professorazinha, em voz cantada e desafinada, leu um acróstico com o nome dos candidatos. Bêbado, um suplente de vereador, o Coelhinho, que contou como Romão Patriolino subira as escadas do sobradinho em frente ao seu, e de lá, sozinho, jogara no meio da rua a aparelhagem da amplificadora da UDN que o insultava diariamente. Meio sem argumento, por fim, Coelhinho queria que a UDN e seus candidatos fossem... fossem para a puta que pariu. Pois outros argumentos lhe faltaram.

Quanto a mim, lembro-me apenas de que usei no meu discurso o refrão: “Um, dois, três, Patriolino mais uma vez”, falei da bravura de Patriolino e o delírio foi meu e da multidão. Quando terminei de falar, corpo agitado, nervoso, o velho coronel me abraçou realmente comovido e disse: “- Parabéns! Você animou o comício. Nunca pensei que falasse tão bem.” E aquelas palavras eram mais um afago à minha vaidade, já exacerbada pelos aplausos recebidos.

Mais tarde ele me convidou a voltar para a cidade em sua camioneta Dodge. E partimos. De repente eu vi, parado de cos-

tas, conversando com amigos numa esquina, meu pai, Manuel Maia. E foi quando, temendo que ele me visse, virei-me, olhei para o outro lado, pois, se isto acontecesse, teria de voltar em sua companhia no caminhão em que havíamos vindo. O coração me bateu mais rápido e disse comigo mesmo: “Diabos. Deixem-me gozar o que consegui.”

E assim voltei inquieto e amedrontado, afinal não o avisara da carona temendo ter de vir com ele no caminhão porque na camioneta não havia lugar. E por todo o trajeto o meu triunfo era amesquinhado pelas preocupações. Será que papai iria brigar comigo? Ele se consideraria destrutado pelo filho? Será que iria pensar ter eu vergonha dele? Que o deixara a pé enquanto viajava na boléia da camioneta com o homem mais importante da cidade?... Ao mesmo tempo, me revoltava. Afinal, não tinha eu, nos meus 16 anos, o direito de usufruir daquela noite tão esperada, tão sonhada? Eu não era culpado pelo fracasso dele. Enfim, quem era meu pai? Está certo que era um homem amigo e que vivia de fazer e vender fogos. Tinha, por isso, o apelido de Mané Fogueteiro, o que me feria e humilhava. Homem melancólico e silencioso, que quando estava mais triste ia para o quintal com uma garrafa de cachaça ao lado e fogos. Fogos chamados lágrimas, que jogava para o céu até que se cansava. Bebia o último gole, enxugava a boca com a mão e vinha para dentro de casa deitar-se numa rede, dormir e roncar até o dia seguinte. Éramos pobres. Não possuíamos casa boa, jipe, residência de verão na serra. Quanto a mim, quantas humilhações não sofria porque pagava apenas a metade da anuidade do colégio e, às vezes, atrasava! Ou porque não dispunha de dinheiro para comprar os jornais dos padres, fazer pontos de rifa e outras picaretagens que deixavam clara a diferença entre as diversas classes sociais. E agora que vivia aquele fiapo de glória, não era justo que o gozasse? Ou permitiria que a humildade dele se transferisse a mim, que por ela já pagava tão caro?

Não, ele não tinha o direito de se zangar!

Cheguei a casa e foi pena estivesse noite alta e ninguém me visse descendo da camioneta do Patriolino. Do homem que fazia prefeitos, deputados e que eu vira, coxeando de um tiro recebido numa refrega da mocidade, sozinho, subir as escadarias do sobrado de João Afonso e dali atirar para a rua os microfones e a amplificadora da UDN que o insultava.

Apenas mamãe indagou quem era, e como não lhe respondesse não mostrou espanto, e eu pensei comigo mesmo: seria porque confiava em minha inteligência? Não ia, é certo, contar que virara o rosto para não perder a carona de Romão Patriolino, que o coronel quase me raptara, que não me deixara muitos argumentos. Mas, de repente, me vi falando: “Entenda, Mamãe, afinal é uma oportunidade. Falei bem, muito bem; o povo aplaudiu; fui o melhor orador; o coronel se mostrou surpreso, me elogiou; posso ser convidado a falar noutros comícios e, quem sabe, arranjo um emprego federal logo que for maior e posso assim fazer a Faculdade em Fortaleza? Papai deve ter voltado no caminhão que nos levou para a Mutuca, onde foi o comício; o que não podia era recusar o convite do coronel. Pode ser o começo de tudo!” Estava excitado e falava rápido. Mamãe, como sempre, me ouvia com seus olhos grandes pousados em mim, perscrutando-me como se não fosse capaz de me entender totalmente, o que mais me fazia falar, e terminei por perguntar:

- Será que a senhora não vai me entender? Será que o papai vai ficar zangado?

- Não, seu pai tem o gênio muito bom, é até tolo. Vai ficar é assustado, você devia tê-lo avisado.

Aproveitando a deixa, disse que ainda ia ser alguma coisa e que ele iria ver como sairíamos daquela situação.

Já era quase de madrugada e eu, deitado, olhava para o teto. Bateram à porta. Era papai. Fiquei deitado fingindo que dormia, morto de apreensão. Ele explicou a mamãe que de-

morara mais porque Foguinho, um dos poucos motoristas de praça da cidade, lhe oferecera carona, mas antes se pusera a beber e só a custo o tirara da mesa do bar e conseguira fazê-lo vir para a cidade. Ambos comentaram o risco de vir e viajar com um chofer embriagado. Papai contou que fora tudo muito bem e perguntou se quem me trouxera fora o coronel Romão Patriolino. Mamãe confirmou. Eles sussurraram algo que não ouvi, mas a certa altura ele disse: “- Filha, o menino fez um figurão.” E eu, dentro da minha rede, ouvia papai falar do meu discurso, dos aplausos colhidos, dos elogios que seus amigos me haviam feito. Não falou de eu o ter deixado na Mutuca sem me despedir. Acho que afinal ele tinha obrigação de entender. “Tenho meus direitos, meus sonhos e não posso ficar a vida toda curtindo a miséria aqui de casa”, pensava eu, “e sem tentar abrir meu caminho. Afinal, é ele que tem culpa por não possuir carro, casa na serra, uma boa situação. Está certo que é pai carinhoso, mas bem que podia ser mais esforçado, mais lutador e não se entregar tão fácil na tentativa de garantir melhor situação para a família. Eu não quero ser como ele! Amanhã cedo mesmo vou ao sobrado do coronel Romão Patriolino, como quem não quer nada, porque é dia de comício no Bairro das Pedrinhas. Aí posso até ir a pé, mas o ideal seria mesmo que ele passasse aqui em casa, na sua camioneta, será ainda cedo e todo o mundo vai ver. O ruim será que ele mande apenas a camioneta com o motorista. Melhor seria eu, filho do Mané Fogueteiro, saindo de casa ao lado do homem mais poderoso, mais valente da cidade, com papai e mamãe se despedindo de mim na porta. Vou passar o dia elaborando algumas frases novas para o discurso...”

A ESCRAVA

Tio Luís, quando moço, foi “negreiro”. Negociava com escravos. Mais precisamente, fazia corretagem de negros que eram vendidos pro Recife ou pro Sul. Uma vez, gostava de contar, chegou-lhe encomenda de uma “peça” do sexo feminino, adolescente, destinada a ser ama. Rodou a cidade, inteira, sem achar mercadoria que atendesse às especificações do pedido. Até que alguém lhe falou de uma negrinha de propriedade de dona Gerviz que morava lá pras bandas do Bairro Fortaleza. Foi bater lá. A dona da casa, realmente, estava interessada no negócio. Só que queria muito dinheiro. Um dinheiro que ele não tinha. Vendo, porém, a pobreza das instalações da residência, ele percebeu que o negócio se realizaria. Regateou no preço. Discutiram. Até que, pra ganhar tempo, ele pediu para ver a mercadoria. Foram até a cozinha. Lá ele olhou a negrinha e pediu exame no quarto, como de hábito. Levou-a até o local onde dormiam os escravos. A negrinha, alta, forte, sorridente, se espantou um pouco quando ele lhe arrebatou a camisola de manipolão e a deixou nuinha diante de si. Examinou-lhe os dentes e gostou. Pouco a pouco a escassa luz da lamparina proporcionou-lhe a impressão da beleza da escrava. Tinha de 13 para 14 anos, era já mais alta do que ele e muito bonita. Virou-a. Jamais conhecera bunda tão perfeita, tão macia. Acariciou-a e sentiu que ela se agitou numa onda de excitação, de emoção. Ele, também. Há muito tempo não tocara em bunda tão bem feita, rija, durinha, macia como uma manga-rosa. Encarou-a de frente e pôs-se a examinar-lhe a xoxota, já recoberta por alguns pêlos. Quando colocou o dedo lá dentro, sentiu resistência, viu que ela se contorcia de prazer e indagou-lhe se era virgem. Mostrou-lhe seu instrumento já ereto e perguntou-lhe se algo igual a ele já se introduzira nela. Ela negou. Confirmou ser

virgem. Para ele, era uma surpresa. Estes negros viviam como bichos. Pais defloravam filhas, irmãos se iniciavam sexualmente com irmãs, dizia-se que o Zé das Grandes Cargas, o reprodutor do seu Narciso, emprenhara a própria mãe. Descobriu que ele era o pai da negrinha. Este garanhão era de propriedade do seu Anacleto, um velhote estranho, que costumava exibi-lo na feira, pegando-lhe o membro e mostrando-lhe o tamanho e a rijeza. Não surpreendeu a ninguém que, nas festas da última páscoa, fosse encontrado morto, ao lado do escravo que, aparentemente, se suicidara após assassiná-lo.

Tio Luís voltou, superexcitado, pra continuar a conversa, embora dissesse, assim mesmo, que precisava se controlar, não era a primeira escrava que ia deflorar nem a última e não podia fechar negócio, naquela base, para não ter prejuízo. De qualquer maneira, comprou a negra, impondo a dona Gerviz uma condição: até que completasse o pagamento e viesse buscá-la, não deixasse ninguém chegar perto dela, nem mesmo outros escravos, porque a queria do jeito que a encontrara, e o comprador, para quem fazia a operação, era muito exigente e podia até devolver a mercadoria ou, então, pagar preço inferior ao que ele oferecia. Dona Gerviz até se magoou, achando que ele não confiava nela, que ela podia roer a corda, mas todo o mundo sabia que não era assim, o padre Marcelino mesmo, muitas vezes, quisera comprar a negrinha, ela nunca aceitara. Fizera negócio com ele, seu Luís, porque era homem do ramo, tinha a reputação de cumprir compromissos. O certo é que tio Luís, logo que pôde, voltou ao Bairro Fortaleza, com o dinheiro necessário ao ajuste da transação, concluída depois que procedeu a novo exame da negrinha e percebeu que o cabaço que tanto cobiçava continuava lá, no mesmo lugar, desafiante e úmido.

Levou a escrava pra casa, não a pé, como faria com outras, e, sim, na garupa do cavalo. Tão logo chegou, mandou-a encher a tina d'água, acrescentar-lhe panela d'água quente para quebrar a frieza e despiu-se. A escrava pensou que ele fosse se

banhar. Não. Ia dar-lhe um banho, lavando-a com sabão, para lhe tirar aquele cheiro forte, cheiro de senzala que impregnava o homem branco que se deitava com elas. Começou a banhá-la. Ainda resistiu quando lhe lavava os peitinhos duros, que ainda não haviam tomado a forma definitiva mas já eram grandes em relação a brancas e a muitas outras negras. Não resistiu. Quando lhe lavou a xoxota, onde conferiu, de novo, a persistência do selo que nem desejava, não resistiu. Enxugou-a rapidamente e a deitou no chão, sobre um couro de boi, e tentou introduzir-se nela. A negrinha, assustada, fechou as pernas, com determinação. Ele aplicou-lhe duas bofetadas fortes na cara, apontando-lhe o caminho da obediência, sem, porém, a intenção de machucá-la. Ela diminuiu a resistência e só o obrigou a novos tapas quando, ao entrar à força, ao varar o obstáculo, ela gemeu e feriu-o, nas costas, com as unhas. Logo a deixava, molhada de lágrimas, esperma e sangue.

No dia seguinte, entendeu de lhe dar novo banho. De novo, como na véspera, não se conteve. Deitou-a e a possuiu, agora sem maior resistência. Dava para notar que ainda estava doída, machucada.

Todos os dias, obedecia ao mesmo ritual.

Na semana seguinte, tinha de viajar, viagem curta, de passar uns três dias ausente. Estava prestes a sair, pra montar em sua burra de estimação, feita pra grandes percursos, quando a escrava acordou e lhe apareceu, indagando se ele ia sem lhe dar banho. O desejo se lhe reacendeu.

Sentiu que ela começava a gostar do seu sexo e não estava mais magoada. Montou-a, em meio às mercadorias da sala, pensando que logo, logo, estaria prestes a partir. Não foi bem assim. Mal entrou na negra, com força, ela o abraçou, com firmeza, e ele sabia que ela não mais o feriria com as unhas porque aprendera a lição, no primeiro dia, e porque ele não tinha o hábito de maltratá-la, e cruzou as per-

nas nas costas dele. E sacudia o ventre, dum lado pro outro, pra cima, pra baixo, balançava-o, gemendo, respirando forte, gozando com tal intensidade, quase o derruba, bravia como uma burra ao ser amansada, que ele gritava: “Galopa, negra! Que galope bom!” Logo que terminaram, saiu de cima dela, porque não gostava de permanecer junto à mesa depois da refeição ou no leito, perto de mulher com quem se tivesse deitado, derreado, cansado e feliz, dizendo a si mesmo que nunca experimentara tal prazer numa trepada. E, durante a viagem, mesmo não querendo, pensava nas aptidões da negra e tratava de antecipar a volta. E foi uma festa quando ela, ao recebê-lo, perguntou se queria galope, de novo. Ora, se queria. Riu muito e logo a penetrou, com violência, como gostava. E ela, agora, também. Gemia só um pouco, de dor, depois de gozo. E foi mais uma festa. E ele se bendisse por não ser como o Mansueto, outro corretor de escravos, que tinha a mania de maltratá-los, às vezes, até danificando as peças. No mínimo, tornando as peças femininas desinteressadas de fazer sexo. Ele, não. Tratava-as bem, principalmente as mulheres, porque, enquanto elas estavam em sua casa, na certeza de que não apanhariam, não seriam amarradas, nem maltratadas, se esforçavam por lhe retribuir tal maneira de ser no contato sexual. Esta negra, porém, era diferente. Cativara-o, de tal forma, que chegava até a lhe dar pedaços de rapadura e o resto de sua comida. Todos os dias, mantinha o ritual do banho que não chegava a concluir, do galope e dos gemidos. Até que, semanas depois, não lhe vieram os sangues, ele viu que estava pejadinha e ia botar no mundo um mulatinho, o que não desvalorizava a mercadoria, muito pelo contrário. Ia até ver se conseguia uma melhoria em seu preço, embora nada tivesse acertado, previamente, com o comprador, porque nunca pudera pensar que seria ele o autor da façanha.

Tio Luís me contou que, um dia, chegou recado de que a sumaca que ia levar escravos pro Recife estava lá no Acaraú e ele devia mandar, pra lá, a escrava. É claro que não lhe disse nada. A última noite passou-a quase toda insone, dentro da negra que, cada vez, mais rebolava, mais se sacudia, mais gemia, mais resfolegava quando ele a penetrava, como se quisesse extrair o máximo dele, como se tivesse a certeza de que aquela seria a última vez. Tio Luís me contou, ainda, que, dia seguinte, passou o comboio de carros de bois com couro, carne-seca, queijos e escravos pra o embarque no navio. Nem quis olhar quando ela subiu no carro, sem resistência. Fingiu mexer nuns papéis. Somente quando se despediu do “seu” Paula, o comboieiro, levantou a vista em sua direção, e viu que ela, no canto do carro, olhava pra ele e chorava. Chorava desesperadamente. Ele se lamentou de ser jovem, não poder mantê-la consigo, pois estava apenas no começo da vida, não podia se dar a estes luxos. E ele se ficou indagando a si mesmo se ela o amara, se um escravo podia se apaixonar ou se era apenas um bicho, um animal como uma égua que o macho emprenha, uma vez, e nunca mais a vê na vida. Por isso, fazia força para se lembrar do nome dela. Seria Faustina? seria Balbina? mas não o conseguia.

A VOLTA DO “MÉDICO”

Passara sete anos no jogo e nos bordéis no Rio. Algum tempo, vivera com embaixador solteiro de língua espanhola que gostava de usar vestido de mulher, saltos altos, dançar a castanholha. Era um velho senhor a que se ligava apenas por conta do dinheiro recebido, da boa mesa e da dificultosa cama.

Voltava com um espetacular anel de doutor no dedo e nenhum diploma na mala. Ainda não sabia o que diria ao velho pai, rico exportador de Massapê. Na viagem, Péricles, um baiano falante, convida-o a jogar. Joga tudo. Vende um microscópio que comprara para se dar ar de médico. Perde tudo. Quando chega a Camocim, o pai o recebe em carro especial da Estrada de Ferro de Sobral. Passa direto para Sobral a fim de apresentá-lo ao chefe político, o juiz Emerenciano Jordão, que criva o novo médico de perguntas que o embaraçam. Seu embaraço é tomado como timidez.

Vai para casa em Massapê.

Passa o tempo até que aparece na cidade o Dartagnan Aguiar que, ao saber que ele se formara, ingenuamente, mostrou surpresa:

- Onde? Em que Faculdade? De Direito? De Engenharia?
- No Rio onde morava.
- No Rio, não. Fez o primeiro ano, foi reprovado e dedicou-se ao jogo e às mulheres.

Espanto:

- Pois ele anda com um anel tamanho no dedo. Só ainda não montou consultório.

Meio irritado com a farsa:

- Estou curioso para ver. O Felinto não estudou senão um ano. Vivia no circuito das embaixadas com um diplomata de língua espanhola.

- Quem era?

- Um maricas, um invertido, à custa de quem parecia viver.

Felinto surpreendeu o pai com a história de que iria trabalhar no Rio. Mais precisamente em Campos.

Agora, o grande choque ocorreu quando ele foi a Sobral ver o Dartagnan Aguiar. E ali, sem papas na língua, quis saber:

- Que história é essa que o senhor anda espalhando de que meu filho não se formou?

- Seu Pontes, devagar. Não estou espalhando nada.

- Então, é verdade?

- Seu Pontes, é melhor o senhor perguntar a ele, pedir o seu diploma.

- A Faculdade atrasou. Ainda não preparou os diplomas.

- Então, só resta ao senhor esperar.

- Vamos acabar com a conversa mole. Meu filho se formou ou não?

Seu Pontes, na minha Faculdade, ele não se formou, não. Fez o primeiro ano, foi reprovado e nunca mais apareceu.

- Pode ter cursado outra Faculdade?

- De Medicina, não, mas a gente saberia, se encontraria...

- Quer dizer que o Felinto, nesse tempo todo, não se formou? Então ele não é doutor?

- Para dizer a verdade, já que o senhor insiste, eu nunca iria lhe dizer isso, como o senhor veio aqui só para saber, é jeito eu lhe dizer: O Felinto só estudou um ano.

- Quer dizer que ele não é doutor? Como o senhor?

Não, seu Pontes, para falar a verdade, não.

Pontes voltou para Massapê. Felinto havia ido a Camocim. Nunca mais Pontes saiu de casa. Na hora da agonia, as irmãs chamaram um médico. Chamaram Felinto. Quando ele chegou, o moribundo, arquejante, ainda teve forças para lhe virar o rosto. Não quis ser atendido pelo filho. Seis meses depois da decepção tomou o caminho do cemitério.

O PIANO VOLTOU A TOCAR

“Mas era um absurdo. Absurdo, sim, mas o que se havia de fazer contra a força do governo?” Foi o que, a princípio, pensou o chefe do PSD, Otoniel Peixoto, no dia da posse do novo governador, eleito pela UDN.

O chefe do destacamento policial, motivado pela promessa de ser promovido a sargento, decidira que não queria ver nenhum eleitor no PSD na calçada no horário da posse do novo governador, da UDN. A festa assim era só da UDN e os adversários, derrotados nas urnas, teriam de ficar no recesso do lar.

Homem pacato, muito educado, presidente da Congregação Mariana, falava baixo e só tinha um pecado. Gostava de ouvir a filha tocar ao piano enquanto sorvia cálices e mais cálices de licor de tangerina, feito em casa. Geralmente, ela terminava por tocar “Pour Elise”. A preferência pela música gerava insinuações da mulher, discreta ciumeira.

O adversário, Silvério da Silva, no entanto, dizia que, por baixo daquela polidez, se escondia sonsidão. Um homem dissimulado, cheio de ódios, que utilizava para suas ações violentas o genro ou capangas deste.

Otoniel Peixoto decidiu, porém, não acatar tal ordem, só podia ser engano. Não entendeu que se tratava de uma armadilha, montada com o objetivo de humilhá-lo publicamente pelo velho adversário político e inimigo pessoal, Silvério da Silva, doente, mas ainda cheio de ódio. Principalmente porque o candidato do PSD fora vitorioso na sede do município e nos distritos.

Assim, sentado ao lado da mulher e filhos em cadeiras na calçada, ouve pela Ceará Rádio Clube a narrativa da solenidade de posse do novo governador.

De repente, avista, ao longe, o policial, seguido de quatro praças embaladas e de uma pequena multidão. Mantém a calma.

O policial, vermelho de bebida, vem apressado e brada:

- Já para dentro. Não dei ordem para a canaia do PSD ficar dentro de casa?

- Mas, sargento...

- Nem mais nem menos, replicou o policial.

- Isto é meu direito constitucional...

- Direito é isso aqui, e esbofeteou Otoniel, surpreendido, espantado de tanta brutalidade na presença da mulher, do filho e da filha.

O agredido, mortalmente pálido, ainda olhou para o Toninho e viu que o rosto se banhava de lágrimas, o menino sentado em sua cadeira de madeira em formato de avião, e se atreveu a dizer:

- No rosto de um homem ninguém bate.

O sargento redobrou de fúria:

- Bato e bato duas vezes.

Ele esbofeteou de novo Otoniel. Aglomerava-se a população que grunhia sua insatisfação, receosa da soldadesca armada em frente à casa de cidadão tão benquisto mesmo pelos adversários, induzindo o sargento a se retirar.

Ele partiu e a revolta na cidade foi tão grande pela injustificada brutalidade que sua transferência para a capital foi um dos primeiros atos do governador do Estado a quem se dera informação da gratuidade da violência.

O genro apareceu, o que era raro, porque os dois não se davam. Otoniel era contrário a toda arbitrariedade e ao estilo violento que o outro seguia, no saco de serra em que vivia. Apesar disso, confabularam, em voz baixa, durante horas, conversa de que os outros familiares não tiveram notícia.

Otoniel, mais que depressa, vendeu a melhor fazenda, as Ipueiras, com o gado, por sessenta contos de réis. A mulher o recriminou sem saber direito para onde iria o dinheiro:

- O que Deus me tirou, há de me devolver, foi sua única resposta.

Otoniel mudou-se para a capital e o piano mudou-se com ele. E ficou silencioso na ampla casa em que passou a morar.

Nunca mais se ouviu “Pour Elise” no seu lar.

Recolheu-se ao interior da nova residência e mudou totalmente de vida, pela humilhação e pela vergonha sofridas. Passou tempo, muito tempo saindo de casa só de manhã cedo quase de madrugada para ir à missa ou à feira. Nunca vai voltou à sua terra. Não aceitou mais convites para festas sociais ou religiosas, não fazia visitas, não participava de leilões. Sempre de olhos baixos. Sentado numa cadeira de balanço, ao lado do cajueiro do quintal, sem querer muita conversa com ninguém, sem receber visitas.

Um cidadão humilde, mal vestido, dizendo-se vindo da Paraíba, foi à casa do sargento, perguntando por tia Arminda, sua tia lá de Piancó. Garantia que era este seu endereço, não podia se enganar.

Parecia inconformado em não encontrar a parenta.

- Jurava que era a casa de tia Arminda. A mesma entrada, até os móveis, resmungava.

E insistia em perguntar:

- Então é mesmo da casa do sargento Patrocínio?

Queria ter certeza do nome e da fisionomia do dono da casa.

Três dias depois, o mesmo cidadão, agora de terno, chapéu enterrado na cabeça, vem andando devagar, com cigarro apagado na boca, pela rua. Ao se aproximar do sargento que,

de pijama, numa cadeira de balanço, entre os familiares, curte a brisa da tarde, pede:

- O cavalheiro tem fogo?

O sargento se ergue para tirar a caixa de fósforo do bolso da camisa do pijama. O outro saca o revólver e lhe diz em voz baixa, antes de disparar dois tiros:

- No rosto de um homem, não se bate. E sai devagar pela rua enquanto a família, atarantada, assustada, procura socorrer o falecido que caíra na própria cadeira. O desconhecido dobra a esquina e toma da mão de um garoto o cavalo que ali deixara. E foge.

No dia seguinte após o café, contrariando os hábitos recentes, Otoniel foi à missa mais tarde e voltou com o jornal que ficou aberto sobre a mesa de refeições. A filha afastou-o, sem maior interesse. Depois lhe deu curiosidade de olhar. Estava na manchete de primeira página do “Correio do Ceará”: Policial morto a bala por desconhecido. “O sargento Patrocínio foi morto, com dois tiros de revólver, ontem, de surpresa, na calçada de sua casa, à Rua Tereza Cristina, por um desconhecido que lhe pediu fogo para acender o cigarro. Não há suspeitos à vista”.

Otoniel não riu. Ergueu, porém, os olhos, – onde brilhava a luz de uma alegria antiga, para a filha, e perguntou pelo filho que tinha o seu nome:

- Vamos chamar o Toninho para vir almoçar com a gente. Nunca mais reunimos a família.

O genro não apareceu. Toninho, sim, e não fez qualquer comentário sobre o assassinato do sargento. O pai, discreto sorriso nos lábios, a fronte erguida, à cabeceira da mesa, se sentia, de novo, com direito a olhar nos olhos dos outros.

Naquela manhã, a filha reabriu o piano abandonado e, o dia inteiro, tocou “Pour Elise”.

MULHER E MÃE NA EUROPA

A história me foi contada por ele (ou ela?). Era uma senhora gorda, de voz grossa, pesada, fios de cabelo branco saindo do queixo, da barba, que misturava muito as palavras em português e alemão. Um amigo me falara da sua presença na cidade de Meruoca, situada na serra do mesmo nome, e dos ricos presentes que trouxera para sobrinhos. Fui até sua casa, uma residência modesta, e tive acesso ao apartamento no quintal onde ela se alojava quando vinha rever a família, quando estava com saudades do chão em que nascera, há 57 anos, de onde sairia para realizar o sonho de ser mulher e mãe na Europa.

Ela me contou que nascera na Meruoca, mais precisamente no lugar chamado Palestina. Raimundo foi criado como mulher, desde tenra idade. Era o que a mãe desejava e não veio. Vestia-se como menina e procurava a companhia das meninas.

Sua mãe morria de medo de tirar seus documentos. Pensava em que ela teria de servir ao Exército:

“Mãe, mas eu sou mulher”, tentava tranquilizá-la Mundinha.

A mãe sofria em silêncio o receio de que a filha tivesse de ser convocada a prestar o serviço militar apesar de sempre haver andado vestida de mulher. Até que veio uma eleição e o candidato estava custeando as despesas de registro civil de eleitores. E foi aí que Mundinha pôde tirar seus documentos como sendo do sexo feminino. Com pequena propina, livrou-se daquele Mundica e se transformou em Matilde. Tinha quase 15 anos e aprendera a ler praticamente sozinha porque sua frequência à escola foi muito curta. Seu prazer na pequena cidade em que morava era quando ouvia rádio na casa do coronel José Maria ou quando conseguia revistas velhas para ler.

Como mulher, ela foi para Fortaleza e lá fez ponto numa boate que recebia muitos estrangeiros. Seu protetor era chamado Maria Pinguelão e se gabava de que depois de dormir com ela, nenhum macho queria saber mais de fazê-lo com mulher. Protegeu-a e lhe ensinou muitas artes do amor e do sexo. Na passagem de um navio da Europa, conheceu Johannes, adolescente alemão que passou alguns dias em Fortaleza fumando maconha ininterruptamente com ela com quem teve um namoro inconcluso. Ela o tratou, cuidou dele e guardou seu dinheiro, evitando fosse roubado. Quando lhe entregou, à despedida, todas as cédulas de sua carteira, ele ficou comovido. Queria dar-lhe alguma coisa, ela não aceitou. Deixou-lhe, então, o nome e o endereço de um hotel em Hamburgo, promessa de voltar em breve e nunca mais lhe deu notícias. Matilde juntou seu dinheiro, dólar por dólar, fez toda espécie de economia e terminou juntando o dinheirinho da passagem e da estada na Alemanha. Lá se foi para o hotel em Hamburgo que logo viu estar acima de suas posses. Ainda esteve lá no restaurante mas logo se convenceu de que havia sido lograda. Era estabelecimento de luxo. No avião, porém, conhecera uma senhora brasileira que lhe ofereceu emprego como doméstica. E ela ficou em sua casa, aumentando sua poupança. Seu sonho era se operar no Marrocos. Logo que fez um ano de trabalho, viu que seu saldo lhe permitia ir ao país árabe. E para lá se dirigiu e, com dizeres em francês escritos pela patroa, pediu que a operassem e assim foi feito. Virou mulher. “Me livrei daquele aleijão”, escreveu num cartão postal à mãe. Agora sou como a senhora e a Chagas, minha irmã”.

Um dia, passando, teimosamente, pela entrada do hotel, tomou aquele susto. Avistou saindo dele para pegar automóvel estacionado à sua porta o seu bem amado. Perguntou por ele. Ouviu como resposta que era o dono, o patrão. Que jantava no restaurante do hotel. Foi para casa, empeteceu-se e convenceu a patroa a acompanhá-la. A viúva estranhou um pouco mas se

rendeu a seus argumentos de que não ficaria bem para ela ir sozinha ao hotel. Sua companhia lhe conferia a responsabilidade de que precisava. O certo é que foram. Johannes jantava com um grupo. Quando a viu, mostrou-se assustado por não a reconhecer, de imediato. Depois abandonou seus amigos, veio para a mesa, deu mil desculpas de haver perdido seu endereço. O pai morrera e tivera de assumir a pesada gerência de seus hotéis. Nunca a esquecera desde que a conhecera em Fortaleza e se deixara seduzir pelo seu jeito tímido, seu falar baixo, sua veia carinhosa. Quando soube que trabalhava com Frau Gravoche logo quis que ambas fossem à sua casa, no fim de semana, conhecer-lhe a mãe, o quê, de fato, ocorreu. O namoro voltou com ardor, como se não tivessem estado separados aqueles anos todos. E o pedido de casamento. E o casamento.

Tudo ia no melhor dos mundos quando a sogra começou a lhe cobrar um neto.

Todos os meses, a velha megera queria saber se menstrara. Fazia as perguntas mais indiscretas. E pressionava: não queria morrer sem conhecer o neto. Ela passava as noites em claro, desesperada. Como podia ter filhos?

Até que uma noite chegou à conclusão de que podia resolver este problema e dormiu em paz. Dia seguinte, começou a percorrer as ruas de *trottoir*, onde havia prostitutas trabalhando. E passou a procurar alguma que estivesse em operação, apesar de grávida. Com muito jeito, iniciou a abordagem. Disse que queria dar um susto numa amiga. Queria a urina da profissional do amor. A outra fez-se esperta. Para que mesmo queria? Começou a colocar dificuldades até que, por cem dólares, lhe vendeu seu mijo. “Nunca vi mijo mais caro em minha vida”, queixou-se. “Foi, porém, produzido em minha presença para não haver fraude”. E logo depois entregou o material a um laboratório e recebeu o resultado. Positivo. Ela, meio trêmula, mostrou o exame ao marido, depois à sogra. Não quis que ele

comemorasse. Já não era mais uma menina e uma gravidez em sua idade encerrava riscos. Com o exame adquiriu a prova da sua gravidez. Tratou de engordar, de enjoar, até que anunciou estar morrendo de saudade da família. Além do mais, dizia temer morrer. Em sua idade, era gravidez de alto risco. Tinha de ver sua mãe pela última vez, se fosse o caso de ocorrer uma desgraça. Johannes quis acompanhá-la. Não precisava. Então exigiu que ela voltasse a tempo de ter o filho em Hamburgo. Logo que chegou a Meruoca, começou a fazer gestões para comprar um filho. Quando o conseguiu, tratou de registrá-lo em Meruoca onde chegara barriguda, grávida para todos os efeitos. Voltou à Alemanha com a filha. Que hoje é gerente dos hotéis do ex-marido. Pois Matilde dele abusara e terminara casando com outro, Amando Schmidt.

FELIZ NATAL

- Feliz Natal, doutor, diz o garagista, escancarando a boca onde se desenhavam dentes pequenos e amarelos. Com raiva, responde - Feliz Natal – e vai tirando do bolso duas cédulas para contentá-lo. Entregou-lhas, sem olhar o cara no rosto, tamanha era a cara, digo, raiva. Quase sem dinheiro e ainda tinha de se submeter à extorsão sistemática em nome de Cristo. Mas ao garagista não podia negar. Era quem manobrava o carro e por descuido podia amassá-lo, arranhá-lo e os descuidos eram fatais para quem não dava gorjeta. Ele mesmo já vira um Galaxie que dormia todo coberto, como protegido por um mosquito, com uma arranhadura séria e o ar cínico do garagista, explicando ao proprietário o que acontecera. E depois que este saíra, comentar: - Até bem feito, para deixar de ser unha de fome. Queria ver era acontecer isto com o carro do doutor. E ele, eram tempos menos magros, metera-lhe na mão um dinheiro, com duas ou três palavras engroladas – pro café e pro cigarro – e uma irritação profunda por se submeter à chantagem. Marchou para a entrada do prédio. Ali, o porteiro foi incisivo: - E as nossas festas, doutor? – Tal a cara que fez e o palavrão que soltou entre os dentes, o porteiro recuou e continuou a rever os cartões da portaria. Subiu, mudou de roupa, deixou capa e paletó jogados sobre a cama e quase não se lavou. Olhou, por um instante, de pé, as paredes cinzentas, nuas, do apartamento. Pior do que isto não há, pensou consigo, e desceu para enfrentar estoicamente a alegria prefabricada das pessoas nas ruas. As lojas estavam cheias e havia mulheres gordas, irritantes, arrastando filhos que choravam. Queriam um brinquedo, ora um sorvete, tudo para roubar a paciência de quem não tinha nada com isto. Pensou que já escrevera coisas péssimas sobre o Natal das crianças que o não tinham. Páginas mórbidas

das de um sentimentalismo gratuito. Decidiu ir até à casa do Luís Carlos. Subiu ao oitavo andar, tocou a campainha. Nada. Praguejou. Tocou de novo, sabia que ele estava, mas recebia visita da Judite. Afinal era ela casada e devia estar desejando-lhe boas festas. Intimamente, disse nomes feios com ela, com o marido e principalmente se agastou ainda mais por lhe tirarem a última companhia para uma cerveja. Era o fim. Ao invés de estar em casa, com o marido e os filhos mesmo hipocritamente, enganava-o com Deus e o mundo (Luís Carlos pensava em ser o primeiro caso dela). Ele sabia, porém, que Judite já saíra com todo o prédio, inclusive um ajudante de portaria do Estado do Rio que depois fora admitido, digo demitido, ligado que era a uma quadrilha de ladrões de carro. Disse mais uns palavrões consigo mesmo, quase atropela uma criança e ficou ainda mais furioso por ter de desculpar-se das vezes ante o pai, olímpico, no seu silêncio e no seu frio perdão. Foi até a banca do jornal. Já lera todos. Pensou em ir ao cinema. Todos os filmes que passavam ali por perto, já os vira. Não havia o que fazer, senão deixar-se atropelar pelos passantes, carregados de embrulhos e de falsa alegria, pelas crianças distraídas, correr o risco de ser visto por algum conhecido, naquela solidão, naquela fossa total. Há duas semanas, Regina viajara. Tentara, em vão, telefonar-lhe, ouvir uma voz amiga em meio à desolação daquele dia 24. Ninguém em casa. Apesar de ter-lhe dito que não sairia. Depois não poderia mais estabelecer ligação. Nem tentaria. Sabe lá com quem teria saído? Todas são assim. E fosse ele confiar nela, propor-lhe casamento, ter ciúme dela. Nunca. Para mulher assim, estava acordado. De qualquer maneira, no entanto, se ela estivesse aqui. Se fizesse um arremedo de ceia, se fossem passar juntos, e tudo o mais que se sucederia, depois de um resto de uísque que ficara de sua última estada ali. Deteve-se de novo ante o jornaleiro. Pediu duas revistas policiais que considerava o último gênero em coisa para ler e era só o que conseguia digerir naqueles dias, e se encaminhou para o bar. Estava

o fim. Cheio de gente festiva, barulhenta. Sem levantar a cabeça, ficou ali lendo, pensando noutros Natais, e bebendo sem parar. Lia, bebendo, embora se atrapalhasse em perder o fio da história, quando enchia novamente o copo, e só este esforço o cansava, o irritava, como se fosse o último dos homens em quem começasse a morrer a última esperança. Quase bêbado, juntou as revistas, trouxe o último gole e foi para casa, suando por todos os poros. Era cedo. Meteu-se na cama como estava, deixou a luz acesa, e somente mais tarde ouviu a campainha do apartamento chamar. Chamou tão alto, de um barulho tal, que o acordou e o colheu em meio a um pesadelo, como se estivesse sendo preso injustamente, e toda uma multidão o acusasse e ele trêmulo não soubesse articular em defesa e fosse sendo levado para a radiopatrulha por mãos fortes e brutais, até que um socorro chegava e era a campainha da porta e alguém chamando. Era da Western. Assustou-se ainda mais. Seu susto se transmudou em raiva quando o estafeta pediu festas. Bateu-lhe a porta na cara e leu o meloso telegrama de boas festas de Regina. Aquela "...". Foi o último palavrão daquele Natal. Bebeu um resto de uísque. Mais bêbado, dormiu, dormiu até que se esgotasse enfim exausta toda a alegria do Natal.

A TEIMOSIA

Incapaz de levantar a voz era tio Juvenal. Nem para pedir desculpas, a alteava. Ainda o estou vendo, do lado de fora do meu gabinete, sem coragem de bater à porta. Esperava que eu o visse, pela portinhola de vidro, e o chamasse a entrar. Entrava devagar, segurando a porta para que ela não batesse nos portais. Como se nela se escorasse ou se escondesse uma montanha de jornais amassados. Ficava aguardando que eu o mandasse sentar. Pedia que despachasse a todos e só então a ele. Santo varão era irmão do tio Romualdo e não sei como pudessem ser tão diferentes. Romualdo matriculara-se, é certo, cedo na escola da vida, no vestibular do leito de uma viúva quarentona. Juvenal saíra do seminário, incontaminado das impurezas do mundo e remordendo uma frustração profunda porque padre Cândido não vira nele uma vocação sacerdotal. Cedo se engraçara de Zildinha, uma santa moça, muito amiga da sua mãe, das suas irmãs. Não havia fita de filha de Maria de azul mais virginal que a de Zildinha. Comungava todos os dias com a futura sogra e Juvenal comovia-se quase às lágrimas quando ela rezava. E penso que até as santas se sentiam ameaçadas. Moça muito boa, dizia meu avô, velho de muito bom olho clínico, experimentado das mulheres. Assim, talhado para ser feliz, casou Juvenal, fez um filho e com o nascimento deste Zildinha tirou a fita de filha de Maria, e, de havaiana, umbigo de fora, com uma prima que chegara do Rio, arrastou o marido aos três primeiros dias de carnaval da sua vida e ao estarecimento da família. Quarta-Feira de Cinzas, só faltou ir às tapas com umas tias solteironas. Juvenal acalmou-a, trouxe-lhe água com açúcar e rompeu com as irmãs. Era pouco, Zildinha queria a guerra total. Juvenal rompeu com pai, mãe, irmão, primo e aderentes. A cidade inteira acompanhava a história. Quan-

do Juvenal avistava o pai, do outro lado da calçada, olhava-o com aqueles olhos de “Cordeiro de Deus que tira os pecados do mundo”, como dele diziam os amigos, e ia adiante, encabulado. O próprio pai entendia aquele filho e proibiu as chacotas e as zombarias. Compreendia aquele Juvenal, tão bem comportado desde o primário, tão submisso a ele, aos padres, ao seminário, à mulher, ao chefe de serviço. Zildinha brigou com a mulher do patrão, Juvenal demitiu-se, passou baixo, enquanto a mulher falava da sua moleza, da sua incapacidade e se queixava de ter casado com ele. Submeteu-se a um concurso para contador, passou, mudou-se da cidade. Fez outros filhos. Os filhos criaram bigodes, as filhas, espinhas, ele continuou fiel a Zildinha, mais magra, de tanto falar e gritar, e a que ele elogiava. Nem justificava, nem desculpava. Por maior fosse o escândalo armado com ele, a briga com os filhos ou o vizinho, ele firme em sua admiração. Quem o via, meio quebrantado, na fila de ônibus, lendo os jornais, com o pão debaixo do braço, os óculos meio descaídos sobre o nariz, o cabelo alvejando sobre rosto moreno, tranqüilo como um santo de missal, pensaria nele como o exemplo do homem feliz. Eu me perguntei, muitas vezes, naquela confusão que era a casa da tia Zildinha, se Juvenal não era feliz com aquela santa que ele escolhera entre as campeãs de comunhão e de virgindade das filhas de Maria. Morreu de leve, do coração, outro dia, entre Natal e Ano-Bom. Foi de leve, muito de leve que se foi. Estava lendo, na cama, à luz do abajur, enquanto a mulher dormia. O infarto chegou, curvou-o e o deixou quase caído da cama, a cabeça escorada na mesinha de cabeceira. Fui ao enterro. Ouvi, meio quarteirão de distância, um alarido. Era minha tia. Aos brados, aos gritos, rouca de tanto berrar. Ainda achou tempo, falando a mim, para recriminar Juvenal que não se aposentou, como ela queria. Queria-o poupado, ele, com aquele jeito de santo, cabeça dura, apesar de caladão, teimoso como ele só, nunca obedeceu, ela, pobre mulher. E mais alto berrava, como é que ela, uma mulher, ia se haver

no mundo sozinha, o Juvenal nunca a deixara trabalhar, era a desgraça, antes de morrer, nunca devia ter casado. Mais tarde, resfolegando, enquanto não chegava outra visita de pêsames e voltava a todo destempero, foi ajeitar as mãos do defunto. Queria vê-las juntas, em atitude de prece. Tentou arrumá-las. Em vão. Já hirta, duro, o defunto reagiu. Procurou de novo, aos brados, que chegara uma cunhada, minha tia, com quem, morando distante, se reconciliaria e agora abraçava e transmitia seu desespero. Nada. As mãos do defunto resistiam. E, não sei por quê, imaginei, vi um jeito moleque, feio na mão que se recusava a ficar em atitude de prece. O primeiro palavrão do tio Juvenal. Por gestos. E nos olhos do meu tio, entreabertos olhos defuntos, eu pressenti um vago ar de triunfo, de malícia. Meu tio Juvenal desobedecia. E na mão, ocultava o palavrão que nunca chegou a dizer.

O PAI

Não, nunca. Não podia entender. Ele, congregado mariano, filho da diretora do colégio, que sempre condenara estas coisas nos outros! Com que cara iria olhar os amigos. Como explicaria, no cavaco das portas de lojas, na conversa de cadeira na calçada, o “casamento” da filha? Além disto, não, aquilo não era casamento. Ela desquitada e ele solteiro. Aliás, não chegava a entender mesmo como o Agivaldo, bem empregado, com futuro pela frente, ia querer a Elisa, já desquitada, não sendo mais moça e com um filho do “outro”. Com estas coisas não se acostumava. Para casar, tinha que ser com moça virgem, documento no cartório e bênção do padre. Sem isto, era amigação. Ah! Esta palavra que lhe doía! Tantas vezes usara isto nos comícios, contra o Jeremias, velho inimigo político de sua família, com mulher barregã em casa, depois que a outra, uma santa, embora sempre zangada, de maus bofes, arribara para Fortaleza e fora morar na Gentilândia.

Filha da sua amigada! Já lhe pergantara, aflito, ansioso: “Minha filha, será que você é doente? Não pode viver sem homem?” De fato, na sua inquietação, não entendia, não lhe era dado compreender como uma moça depois de ter casado, se separado, não ficava como a dona Amélia. Sim, dona Amélia, depois que o Jeremias se amigou com a moradora da fazenda, nunca mais saiu de casa, senão para a missa, e assim mesmo de vestido preto e véu. Elisa já tinha seus 24 para 25 anos, um filho para criar, por que lhe impor uma vergonha destas? Tudo foi o diabo do emprego. Mulher sua não era para trabalhar. Nem filha, nos escritórios, recebendo cantada, pegando carona, as sem-vergonhices dos colegas de trabalho, os olhares, as insinuações. Às vezes, logo que Elisa começou a trabalhar, ia deixá-la e trazê-la de volta. Depois as outras filhas implicando, até a

Alzira, já quarentona, moça velha, filha de Maria, admitia estas coisas. Tinha gana de ir ao emprego de Elisa e avisar logo que quem folgasse com a filha dele ia se haver. Estava velho, mas ainda era capaz de uma asneira.

O pior era hoje. Terem inventado um almoço, na casa dele, com a presença do Agivaldo. Como podia olhar para ele? Um sujeito que ia se juntar com a filha. Conversar o quê? Aceitar como genro? Já avisara para Elisa. Nunca na minha vida você vai chamar este cara de marido. Como pode ter dois maridos? Não é viúva. Nem prestava atenção às palavras do padre que engrolava o Evangelho. Era hoje, enfrentar esta vergonha em casa, todo mundo contra ele, porque Elisa já tinha ido até o médico, médico de louco. Coisa que não concebia. Ninguém na família com estas doenças e inventaram uma tal de psicanálise. Uma surra boa de relho cru era o que valia antigamente. Ah! As modas da educação antiga de relho, de palmatória, de mulher trancada na camarinha. Como olhar para os amigos? O que iriam dizer? Ele, que sempre dera o exemplo de homem sério, nunca dera margem para ninguém dizer uma palha sobre seu nome, ter de explicar, aos colegas de comércio, que a filha se amigara. E na fazenda? O morador, o Zé Carvalho, homem rijo que expulsara a Jesuína de casa porque o Manuel pintor fizera mal a ela e nunca mais a abençoara e não se falava em seu nome em sua presença.

Zé Carvalho, este era feliz, podia manter suas convicções. Ele não sabia se devia odiar mais Elisa ou Agivaldo. Este, sim, o canalha, começara com cantadas, insinuações, quem sabe até onde teriam chegado. Com uma mulher casada, porque o casamento é para sempre! O ódio crescia nele e se avolumava que quase não se ajoelhava na hora da elevação da hóstia. Filha inocente, casara tão nova, ele fizera tudo para ajeitar o casamento, mas o marido só queria viver no bilhar, cabelo cheio de brilhantina, ou então no cabaré da cidade. Emprego, morando com o sogro, não dera certo. Até o desquite, coisa escandalosa que fizeram em Fortaleza sem

ele saber. Para chegar à situação atual. O que dizer aos amigos? Logo, a minha filha, na minha casa, vem acontecer uma coisa desta. E rilhando os dentes, com ódio, saiu logo após o padre dizer o Ite, missa est. O almoço. A vergonha do almoço. Mas Agivaldo não escapava de ouvir umas boas. Depois ia para a fazenda e nunca mais voltava.

O MARIDO

Não é que eu tenha ciúme. Logo eu! Onde uma mulher ia arranjar um cara da minha posição com um pai que é o meu, cheio da erva e mais ainda uma posição espetacular no Banco do Brasil, basta ver a festa do meu casamento, senador, governador, tudo o mais. Onde ela poderia arranjar um cara como eu? Guiando o Corcel cupê, novinho, Elismário marchava para casa, inquieto por haver telefonado para casa e a Eliana não ter atendido. Onde poderia estar Eliana? Que diabo! Não podia entender como uma mulher casada saía de casa sem avisar ao marido!

Não que desconfiasse. Afinal, Eliana era uma moça seriíssima. Fora seu primeiro namorado. Não, não de fato o primeiro, pois ela tivera um flerte com um cadete. Ele vira o retrato de uma festa no Colégio Militar. Ficara com tanto ódio que rasgara não apenas a fotografia, mas a página do álbum. Não por ciúme. Afinal não era destas coisas. Era, porém, uma desconsideração.

Entre as fotos do irmão dela, por sinal, também militar, achara aquela recordação de um amor que ela negara. Não houvera nada demais. Apenas, porque o rapaz não tinha família aqui na terra e saía aos domingos para a casa do sogro. Não era sogro, neste tempo, futuro sogro dele, por sinal, estava noivo, noivo de aliança e enxoval quase arrematado, com a Eliana. Aquilo lhe doera, fundo, uma dorzinha pungente, de que aquele cara pudesse haver tocado as mãos de Eliana. Quem sabe, até beijado! Ia-se enfurecendo, rapidamente. E agora soubera, para cúmulo do azar, que ele, já capitão, estava na terra. De repente, uma dor mais pungente no coração. Se ele, por acaso, houvesse telefonado para ela. Não queria admitir, mas o raciocínio seguia implacável, constritor como uma sucuri apertando-o nas

malhas de sua lógica. E se houvesse no coração dela algum ressaibo do amor antigo! Não, não fora amor, ela lhe jurara entre lágrimas quando ele ameaçou acabar por causa desta lembrança! Mas, façamos de conta, se ele telefonasse. E puxasse conversa. E ela não desligasse. Não, mas uma moça séria como a Eliana, filha de uma mãe tão honrada, porque você sabe, filha de gata é gatinha, não, sua mulher não seria capaz disto.

Mas se ele insistisse de novo, se relembresse o passado, se acordasse em Eliana a memória que supunha esmaecida. E por acaso a convidasse a sair. Sem querer, apertou com afição o acelerador, correndo para casa, a fim de antecipar a tragédia. Enfurecia-se. De fato era possível. Bem tinha razão o Argemiro, rapaz rico, cuja mulher o traía com o jardineiro: todas são iguais. Não, mas não, Argemiro era outro, diferente dele, vivia em farras, não merecia respeito, era feio, o pai, de riqueza muito mal-cheirosa. Ele, não. Rapaz sério, família honrada, muito dinheiro e, mais que isto, muito mais boa pintura que o Argemiro.

Todavia, se Eliana... Nem queria pensar. E ficou ruminando a raiva de saber que Eliana poderia ter sido beijada pelo antigo namorado, o que teria havido, pensou com sofrimento e se perguntou com raiva. E mais corria, já irado, imaginando não encontrar a mulher em casa, uma investigação severa, expulsando-a, como um Jesus irado pondo para fora do templo os vendilhões, ela chorando, arrependida, negando, ele firme, altivo, como um Deus esplêndido e implacável. Ao mesmo tempo, ferido, chorando por dentro, rilhando os dentes com tanta raiva que estragou o jantar, a noite, o humor do mês, a exigir que Eliana explicasse por que não atendera seu telefonema, por que estava no banho, por que não ligara logo, se tinha recebido alguma ligação, se falara com alguém, se seria capaz de deixá-lo, se gostava dele, se... Até o final do seu interrogatório severo como um policial duro e calejado no ramo.

A ESPERA

Não, melhor ficar sozinho do que desmoralizado. Ouvir uma história daquelas e agüentar? Não, não era homem para estas coisas, para ficar “roendo” por qualquer rabo de saia como o Raimundo Guilherme. O caso com ele era diferente, uma “barra” muito mais pesada. É certo que a Rosemary era uma moça bacana. Até espetacular. Tinha um rosto onde umas sardas, não conhecera antes tantas sardas numa morena, lhe davam um charme todo de malícia, sabia lá por que, mas era também misto de ingenuidade. O corpo, então de biquíni, na praia, era aquela tentação. E tinha um gosto especial em exibila, mostrar aos amigos que mulher daquele talhe podia gostar dele. É verdade que tendia um pouco para engordar, e nas cadeiras se antecipava aos anos a silhueta da matrona.

Enquanto, porém, tal não acontecia, era como gostava de dizer, na intimidade, mulher para quatrocentos talheres. Pior ainda, para agravar mais sua ausência, era a voz ao telefone. Rouca, de uma rouquidão quente, árida, saarizada e, ao mesmo tempo, cheia de apelos eróticos. À primeira vez que ouvira, ainda cometera a tolice de indagar se estava gripada, o que a levou a exagerar mais sua performance, mulher cheia de encantos trabalhados e fatais que ela era. Podia ser assim meio vampe com os outros. Com ele, tinha certeza de que não. Gostava mesmo e comportamento ali era como o de mãe da gente. Agora, ela admitir que descera do apartamento e tomara sorvete com o Ermelindo, mas fora na companhia de uma colega de prédio, conhecida de ambos, não valia. Era preciso fazer-se respeitar. Afinal, não era qualquer um. E com mulher, ele estava acordado. Não brincava em serviço. Não era homem nem para se deixar enganar nem para ceder. Duro, tinindo na queda, mesmo que doesse. Doer não doía, mas era justo reco-

nhecer, fazia uma certa falta. O retrato dela que ainda está ali sobre a mesa, escorada numa jangada, aquelas carnes sadias, espalhando desejo ao sol e ao mar, era uma perturbação, não negava. Quem sabe, entretanto, ela poderia telefonar. Na certa, telefonaria. Não se deixa um homem assim. Principalmente porque com ele fora diferente. Tivera certos direitos. Afinal, iam casar. E estas coisas uma mulher não esquece. Tinha certeza de que ela telefonaria. Ou, então, nem sequer teria saído e lá debaixo mesmo, na portaria do prédio, mandaria chamá-lo e haveria, a princípio, da parte dele, aquele amuo, a irritação do orgulho ferido, depois se fundiriam num abraço quente, depois dentro do carro, mais adiante na praia, ele teria a evidência quente e agitada de que merecia mais do que os outros. Por isto, tinha a certeza de que antes de onze horas, meia-noite ela daria uma saída de casa e passaria por aí.

Era tempo de tomar um uísque para segurar as emoções, não ceder ao primeiro apelo, afinal, tinha de bancar o duro, o forte, o bacana. Mais um uísque não faria mal e aquela gravação de “Apelo”, feita pelo Néelson Gonçalves, que saíra o fino. Esta música lhe falava lá dentro, lhe abria a sede para aquele uísque nacional, ganho ainda de festas de fim de ano, mas que era o combustível bastante para toda a sua emoção. Não era de dar muita bola a mulher, nem estava dando, afinal, bebia porque gostava, não muito. O caso hoje era diferente. Uma dose a mais não faria diferença, mesmo que não tivesse brigado com a Rosemary, poderia beber um pouco mais. Não havia nenhuma ligação entre as duas coisas. Aquela moça lá embaixo, com aquele gingado, parece ela. Não, não veio para cá. E são quase onze e meia. Será que ela vai telefonar? O telefone estará funcionando? É o caso de olhar. Tentar ligar para o Informador para saber as horas a fim de testar o aparelho. Não. Está bom. Talvez ela amanhã telefone, esteja esperando que eu me rebaixe, vá atrás, perde tempo. Se ela viesse, também não ia humilhar mulher. Não era homem de humilhar ninguém, mas ir atrás

não. Não ia. Assim também seria demais. Por que será, meu Deus, que ela não vem? Terá saído com o Ermelindo. Para que botar banca, pose? Se saiu com o Ermelindo? Que adiantou tanta importância? Afinal, bem poderia ter sido mais cordato, tomar um sorvete não mancha a reputação de ninguém, não vai ser por causa disto que uma moça trai o namorado, quase noivo. Decerto, foi exagero seu, que azar, logo hoje, começo de semana, bagunçou todo o meu coreto, que é que eu vou fazer sem esta mulher, onde vou arranjar uma moreninha, assim cheia, com aquele charme e aquele tom *sexy*, fingindo de inocência, e aquele mormaço na voz, aquele calor na garganta e em toda a sua restante geografia. E perder tudo isto por um capricho tolo. Não, não era mais tempo de fazer isto, afinal a moça merecia confiança e o Ermelindo. Logo com o Ermelindo, ela nunca iria traí-lo. Não. Outro uísque e esperar.

O TIO

Morreu só, meu tio Romualdo. Não me lembro quando o conheci. Sei, porém, porque meu pai contava que numa viagem, enquanto minha mãe se interessava pela conversa, me ofereceu um copo de cerveja. Na sede dos meus 2 anos, bebi-a de uma vez, como fazia com o leite. Deu sono. Daí por diante, deixei o leite, definitivamente, penso eu.

Quando moço, tio Romualdo era mestre em pregar sustos e peças. Tinha um carro velho. Seu maior prazer era aproximar-se, velozmente, do meu avô e frear o automóvel em cima do velho, para sua irritação e às vezes fúria. Fúria que ele, só ele, sabia dissipar, com seu permanente bom humor, uma imensa capacidade de esquecer grosserias e ingratidões.

Seu fraco eram as mulheres. Já aos 15 anos, estava praticamente instalado. Uma velha senhora, viúva, caíra-se de amores por ele. De início por puro instinto maternal. Depois vieram os outros e ele chegou à cama da viúva com tanta assiduidade. Lá ficou que lhe deixou um filho temporão e este já lhe deu netos comorços. Mais tarde, era uma colega da Light onde trabalhava. Sem falar no casamento que contraiu e no qual procriou dez a doze filhos. E nas mulheres de alguns amigos que estas chegavam a lhe reservar um quarto em casa, roupa lavada e a doce condescendência dos maridos, que estes eram do peito.

Comprou, então, um carro. Sua vida era um permanente ir acima e abaixo com o fordeco. Era comadre Fulana que queria ir à costureira, era a Sicrana que precisava entregar as costuras. Era o doce para o aniversário do afilhado, era acertar a missa de sétimo dia. Cansar, ele não cansava de fazer favor, tivesse interesse mais fundo na comadre ou fosse apenas uma ligação superficial. Seu escritório é que ia à matroca. Até que anos depois preferiu ser pedestre a ser motorista. E os filhos

crescendo. E mais filhos nascendo. Certa feita, mostrou-me, entre encabulado e orgulhoso, três retratos de bebês. Haviam nascido naquele mês. O trio era da sua autoria. E eu me ralhando de inveja por dentro que só chegara a um e, de logo, me valera das pílulas e de cautela para não botar tanta gente no mundo, com a tranqüilidade que ele o fazia. Conviviam juntos filhos legítimos e naturais, e trabalhavam no mesmo escritório e não se comentava a existência de tantos leitos vadios que ele frequentava. Por último, se ligara a uma costureira, dona de uma boutique dos próprios artigos. Senhora de muitos quilos e maus bofes, certa feita, chegaram às tapas e lá foi meu pai convocado a apartar a briga. Comigo ele sempre falava dela como uma senhora, muito educada, incapaz de levantar a voz e de um palavrão. Soube, por meu pai, - pois entre o tio e eu estas fraquezas estavam inéditas, que a poderosa senhora não levantava apenas a voz. Também o vigoroso braço.

Um dia destes, eu o encontrara, tio Romualdo. Já sem carro, praticamente sem mulher. Da inicial, casada no padre e com escritura passada perante o juiz de paz, há muito se desembaraçara. Morava só. E fui com ele até seu apartamento. Vi que a chuva umedecera as paredes da sua morada.

E havia um cheiro de bolor e de abandono naquelas paredes de um amarelo velho e sujo. Falei-lhe de solidão. E ele me contou de sua última gripe: “É fogo, meu sobrinho”. E logo brincou a respeito de mulheres, mas o tom do comentário vulgar, chulo, foi tão pungente que restou em mim imensa mágoa por meu tio Romualdo, seu leito antes tão povoado, sua mocidade tão cheia de aventuras e sua iminente velhice solitária. Soube depois que as senhoras, que o amaram, não o abandonaram. Dedicavam-se agora aos netos, pois ele sempre as conhecia mais que “de vez”, maduras. Entre os achaques da idade e o benquerer dos muitos netos, iam esquecendo o que tio Romualdo representara para elas. Seu eterno chiste, seu carro sempre disponível, seu coração em condomínio, sua capacidade de esquecer e perdoar.

Tio Romualdo morreu sozinho. Depois chegaram filhos, velhas mulheres, antigas amantes, os *barmen* que ele freqüentara, o alfaiate de cuja alfaiataria passava seus telefonemas confidenciais. E eu vi desfilar ante seu último leito, este sem mulheres e sem amor, todo o roteiro da sua vida. E me lembrei, sem querer, da frase popular: “É fogo, seu Ivan”, na qual ele resumira toda a solidão que o feria, como uma verruma, naqueles dias que nem eu nem ele imaginávamos fossem os últimos. Foi-se tio Romualdo.

O REENCONTRO

Não podia ser boa coisa. Haviam sido companheiros de colégio. Unha e carne. Andavam sempre juntos. Dividiam mágoas e o dinheiro da bebida, sonhavam com mulheres e sofriam, com paciência, as dores-de-cotovelo de cada um. Depois, veio a rota do destino. Plácido entrou na firma de construção. Ficou rico. Não tinham mais assunto em comum. Ainda se encontraram por algum tempo. O outro, cheio de esnobação, falando em milhões. Ele, arrastando sua pasta de cobrador, fazendo contabilidade à noite, a mulher engordando, catapora nos filhos, crediário, aluguel atrasado, humilhação de cobrança na porta, grito dos superiores. E o Plácido, a cada vez que o ouvia, mais distante, mais por cima da carne-seca, sempre mudando para um carro maior, uma casa mais ampla, nome na coluna social. Agüentou tudo, com paciência. Depois disse: “o diabo que o carregue” e trancou a cara. Não daria mais bom-dia, nem estenderia a mão a quem andava em negócios tão escusos. Não podia ser negócio limpo. O outro tão rapidamente rico e ele pobre. Alguma maroteira existia por ali, não era tolo. Por que só o dinheiro dele era macho, não se multiplicava? Essa não. Roubando, qualquer um ficaria rico. Ele terminara contabilidade. Agora era chefe de seção da Prefeitura. Mário, vereador, lhe arranjava lugar. Vivia pedindo “habite-se” gratuito. Não era a favor destas coisas, mas, se ele nega-se, o prefeito daria. Eram amigos. O prefeito precisava do voto do Mário. Eram todos assim, não ia consertar o mundo. Mas, ele, era como nos velhos tempos, na base da honestidade. Afinal, melhor pobre e honrado que barão e ladrão, era o que aprendera com o pai e não ia mudar. Estava nestes pensamentos quando o Plácido apareceu. Ali na sua sala, na repartição. O Plácido, descido do carro, era tão menor! Ele era o chefe, tudo dependia da sua boa

vontade. Não podia ser boa coisa. O Plácido estava querendo algo. Ainda tentou ficar sério. Plácido lembrou uma história antiga de uma conquista que fizera, uma moça que viera do interior passar as férias na casa da tia e gamara por ele e não queria outro, até que voltara e engordara ainda mais, pois já era puxada para matrona, mas no julgar de todos eles, muito “boa”, e tudo terminara, ficando apenas aquela gloriola. Ainda assim, feliz de o outro ter relembrado alguma coisa boa para acumular por sobre mágoas antigas, ele ficou com o pé atrás da orelha. Indagou se o Plácido queria alguma coisa. “Não, nada”, respondeu o outro, rápido, sem muita convicção, como indo sair, sem ter dito tudo, e quase foi ele que, constrangido consigo mesmo, o forçou a dizer. Plácido tinha jeito para isto. Invertia as coisas. Terminava você pedindo a ele para lhe fazer o favor. O outro desembuchou. Afinal, era um negócio em que ele ia entrar. Nunca se esquecera dos planos que faziam juntos, comprar um bilhete da loteria, ganhar, comprar uma fazenda no Maranhão, serem depois reis do gado. Impala à porta, mulheres, uísques, sonhos em comum. Agora, surgia a chance. A venda de uns dez apartamentos. Ele, ali na Prefeitura, tinha todas as chances. A corretagem era com ele, ganharia de dois a três mil contos por unidade. Vendendo tudo, era o preço de um apartamento ou de uma casa bem razoável. Pensou no aluguel que andaria atrasado, na casa onde morava que respingava por todas as telhas, mas ficou tranqüilo, digo, inquieto. Por que o Plácido se lembrava dele? Por que não vendia ele mesmo os apartamentos, não ganhava essa comissão?

Plácido lembrou que havia um “porém”. Questão de data de licença. Houvera um engano e ele podia remediar. Não estava entendendo. Plácido ficou calado, cheio de pudor, de reserva. E ele, desinibindo o amigo, oferecendo seus préstimos, e o outro, recuando, na tática de sempre que ele conhecia, mas não sabia como combater. A data era outra. Dependia dele modificá-la, botar um atraso no processo do edifício e tudo ficava

resolvido. O prefeito fazia de conta que não sabia. Bastava que viessem os dados corretos. Aí estava onde o queriam embarçar. Quase botou pra fora da sala o Plácido. Ficou irritado. Ao mesmo tempo que se zangava, a cabeça rodopiava de sonhos. Trinta ou vinte milhões eram casa própria, eram a independência. Todo o mundo não fazia? Como é que os figurões podiam ter duas ou três mulheres, andar de Impala, pagar contas em boates e clubes? Ele, pelo menos, se pegasse neste dinheiro não era para esbanjar com prostitutas. Nem para esnoabar. Estava pensando na família. Afinal, todo homem tem obrigação de dar um teto respeitável à mulher e aos filhos. Muito embora, em matéria de mulher, a Rosilene, que trabalhava com ele, loura um tanto artificial, estivesse sem furos acima da que ele tinha de aturar em casa. Ficou-se imaginando, livre da família, livre da Mundica, num edifício de praia, e a Rosilene andando em seu apartamento, de *short* curtinho, só para ele, um run montilla ao lado, a televisão mostrando Aguinaldo Timóteo e ele tendo a vida que merecia. Garanto que a Rosilene topava. Ela que mora lá pros lados da Aerolândia, numa casa de tampa, parede-meia, toparia. Se ficasse com o apartamento para se encontrar com a Rosilene, a Mundica que continuasse mesmo na casa dela. Será que daria certo? Podia ser um meio para sobrar dinheiro para comprar a mobília, e ele teria um canto só seu, bem que merecia, tanto tempo de trabalho sem uma promoção, afora aquela chefia. Mundica gorda, cheia de varizes, não se cuidava mais. Os filhos barulhentos, sendo reprovados no colégio, um perdera vaga no Liceu, nem estava mais estudando. Merecer, merecia. Uma oportunidade desta caía do céu. Era preciso falar com o Plácido. Pensara melhor. Afinal, todos fazem assim. Vivendo deste ordenado miserável, quem lhe roubava, isto sim, era a Prefeitura, pagando o que lhe pagava. Ele, entendido como ninguém, até o secretário precisava dele. Tinha curso de contabilidade, nenhuma falta em serviço. Quem lhe devia era a Prefeitura. Justamente os serviços dele,

lhe dissera o Plácido, e não fora só ele não, valiam dez vezes. Fez as contas: dez vezes mais. Se o Plácido lhe desse a corretagem, garantida, tirava o pé da lama e ia ter o ressarcimento do que merecia e não lhe davam. E, ainda de quebra, a Rosilene, que entrava num suéter azul que ressaltava, dum modo escandaloso, que o deixava enciumado, um busto monumental em torno do qual os colegas exercitavam, para seu desgosto, piadas e chistes de todos os tipos. Se ela soubesse no que ele estava pensando para os dois. Rosilene, ligue aí para o Plácido, na Benfeitoria Imóveis. Se ele não estiver, deixe recado. Que o Clodoaldo, da chefia dos arquivos da Secretaria de Urbanismo e Jardinagem, quer falar com ele.

LEVANTA A CABEÇA, MACHO!

De repente, no banco traseiro do fusca, me dei conta de que perdera a eleição. No máximo poderia ficar na primeira suplência e teria de me manter atento para que durante a apuração algum aventureiro não lançasse mão dela.

Adeus, deputação! Seria o primeiro de uma família que ainda não dera doutores ao país, apenas dois padres, um contador, um professor sem alunos, a chegar a Brasília. Um dos 420 integrantes daquele clube fechado à classe média. Baixei a cabeça no banco traseiro do carro do Alfredo. Oscar captou o exato momento em que percebi a derrota e me deu um tapa afetuoso na testa, dizendo:

- Levanta a cabeça, macho!

Todo o orgulho volta a dirigir minhas ações. É preciso, combino com eles, redigir um manifesto elegante agradecendo os votos recebidos. Nada de lamentar a derrota, de acusar os outros de haverem gasto seis, sete, dez vezes mais que eu. Não gastei mais porque não tinha.

- Não foi isso não, Oscar. Estou me lembrando que tenho de ir hoje à televisão agradecer a confiança do eleitorado.

- Mas nada de choradeira, de conversa de corno, hein? – me adverte Alfredo.

- Abreu, eu, hein? Verás que um filho teu não foge à luta...

Eles me deixaram na frente da Fênix Caixeiral, onde se realizava a apuração das eleições. E logo levantei a cabeça, enchi o peito e procurei, em mim, as abas do paletó que então não vestia para me proteger. Logo à entrada, conversando com o Zé do Nascimento, está o Lyra que, ao me ver sendo beijado por duas normalistas, brinca:

- Deputado Carlos Eduardo Maia? Ou Eduardo Maia? Ou Carlos Maia?

- Nada disso - respondo. Mainha, o repórter.

Ele comenta com Lyra:

- O Mainha está comendo todo mundo nessa apuração.

Fico encabulado. Nascimento me afaga o ombro e diz:

- Fico feliz. Você está realizando seus sonhos.

Explico-lhe que não, que não tive dinheiro para financiar colégios no interior, que minha votação se acaba com a apuração na capital, mas ele não quer ouvir, pensa que estou eleito, e assim também pensam as duas normalistas que me beijaram. Mas a ilusão é de todos porque ainda não chegaram muitos resultados do interior. Alto, muito desengonçado, com a camisa saindo das calças, o juiz Carlos Loiola grita de longe sem interromper a contagem:

- Deputado, parabéns.

- Obrigado, meritíssimo.

- Não há de quê. Não vou dizer que votei em você. Vou ser franco, nem acreditava. Afinal foi um salto muito grande. Fiquei feliz com o resultado.

- Ora, Loiola, urna é como barriga de mulher. Não confie nos primeiros resultados...

- Ora, deixe de medo, você está eleito. E quando for a Brasília procure Diva, minha irmã. Ela trabalha na SUCAM. Veja o que pode fazer por ela, uma promoção ou colocação à disposição do governo do Distrito Federal. Ela ganha tão pouco.

- Vamos ver. Você sabe que o que estiver ao meu alcance...

- Não duvido.

- ...farei. Depois você me dá o endereço dela.

Noutra mesa de apuração estava dona Carmindinha, velha conhecida da família. Ainda ontem ela estivera lá em casa

para dizer que conseguira passar para o meu nome onze votos dados ao Aguiar que não tinha nenhum.

Ao ouvido ela me diz o que tem feito por mim:

- Tenho certeza de que Dondon não vai se decepcionar.

Alto lhe indago: “- E as moças, como vão?”

- Bem, Carlos Eduardo, espero que agora não, mas quando a Lúcia for maior, você arranje um bico para ela, enquanto estiver na Universidade.

- Com isso pode contar, dona Carmindinha – disse eu pensando nos longos cabelos e no corpo moreno de Eliete, considerada dona da melhor bunda do bairro que se roçava nos ônibus com velhos e moços e a mim chamava senhor. E, à noite, atrás da igreja, mantinha com o Gamaliel, locutor da TV, um namoro firme. Deus queira que o Gamaliel vá abrindo caminho por entre aquelas belas pernas morenas até que eu seja aceito por lá. Agora ela me trata como futuro protetor, tio, amigo da família. Ou será que ela acha que penso é na mãe dela. Porque dona Carmindinha tem carnes ainda duras e tesas, muita anca e muito peito. Não fosse o excesso de carnes e uma vida dura até que valeria a pena.

No amplo salão muitos locutores de rádio transmitem informações. Os eleitores de fora do gradeado pedem informações e dinheiro. Há papel solto pelo chão. Ao canto, um grupo de estudantes ainda aposta em nosso candidato ao Senado que, sendo de Oposição, só tem votos na capital porque no interior é tudo voto de cabresto, para o governo. Eles me chamam:

- Mainha, vem cá, paga um café.

Falo com o Herval para saber se a 2ª zona vai reagindo mesmo para o nosso lado e ele me diz que, numa urna, conseguiu mais votos que o nosso candidato ao Senado, junto com o Mário Nunes: “- Fechamos a rosca”.

Não acreditava que os mil e quinhentos contos que dei ao Mário Machado dessem resultado. Ninguém acreditava. Todos

o diziam caloteiro, acostumado a tirar dinheiro de um e de outro e depois votar num terceiro.

Vou ver o pessoal de rádio. O Coelho, miúdo, cabelos e sobranceiras muito escuros, como se pintados, muito lavado, me diz entusiasmado, no seu 1,50m:

- Hein, bichão. É só quem pode. Vai cartar em Brasília! - e senti haver uma indisfarçada ponta de inveja em seu tom de voz.

- O que é isso, irmão? Você vai comigo.

- Pois é. Essa ninguém lhe toma. Votei em você. Você sabe, não é? E nunca lhe pedi nada, mas agora em outubro, vou avisando desde já, preciso ir a Brasília. Posso contar com você?

- Ora se pode Coelho. Primeiro porque não sou besta.

- Como? Não estou ameaçando...

- Não, Coelhoinho, meu *lapin* preferido, não é isso não. Entrei na política e não quero sair. O primeiro dever que tenho é com a inteligência, a minha e a sua. Se quero continuar na política posso lá perder um amigo influente como você...

Por dentro enrubeço. Será que um dia serei o que eles pensam que vou ser agora? Será essa derrota o começo do fim? Estarei trabalhando para começar tudo de novo?

Mergulhado nesses pensamentos desço as escadarias antigas do sobrado da Fênix que, na rua, já me esperam, para o uísque de toda a noite, Alfredo e Oscar.

O PILEQUE

Terminara de redigir a nota de agradecimento ao eleitorado que, mais tarde, li, na televisão, e na qual reconhecia a derrota. Não culpava ninguém. Não deixava transparecer um fiapo, uma réstea de ressentimento. Senti-me um inglês ao ler de tarde, ante os repórteres credenciados junto à Assembléia, a confissão da derrota.

O Manoel Eduardo se irritou:

- Porra, você é esmagado pelas oligarquias, a serviço do poder econômico e dos trustes e não dá um pio... Cadê sua denúncia?

- Mas, Manoel Eduardo, eu não aceitei a regra do jogo?

- Aceitou uma ova. Você foi esmagado e deixe de usar o mais elementar dos direitos, o direito de espernear.

- Se eu tivesse dinheiro não o teria usado?

- Teria, e daí?

- Pois é!...

- Puta que pariu, Maia, além de pobre, besta! Essas preocupações de pequeno-burguês moralista...

E no final da tarde fui ter com Alfredo e Oscar no bar do Hotel Reis Magos. O certo é que eles demoraram a chegar e eu, inquieto a telefonar, procurava saber por que demoravam. Li e reli os jornais. Conversei com o *barman* até que ambos apareceram se queixando de que tinham ido olhar um terreno fora da cidade.

Só tarde, quase pela meia-noite, pedimos o jantar quando já havia uísque demais na cabeça de todo mundo. Oscar criticava Alfredo por haver falado na possibilidade de cassação de Frederico Vieira, um dos deputados federais eleitos pela Oposição, e que tinha, segundo ele, uma fundação para onde encaminhava todas as verbas recebidas.

- Alfredo, deixa de ser mau caráter. Não coloca minhocas na cabeça do Mainha...

- Na minha, não... - retruquei eu.

- Não se trata disso. Trata-se do que vai acontecer; não depende de mim nem dele e sim dos generais que estão mandando, - explicava-se Alfredo.

Lembro-me vagamente de que fui à janela. Fazia uma lua linda. E, de brincadeira, comecei a falar da sacada do restaurante, olhando o mar:

- Povo de Fortaleza que me honrou com seu voto, que me distinguiu com sua preferência, estava escrito que eu não podia ser eleito.

E era como se lá embaixo, na avenida iluminada e por onde os automóveis trafegavam velozes, o povão me aplaudisse. Aquelas palmas imaginárias davam-me entusiasmo para prosseguir:

- Um filho da Mutuca, sem eira nem beira, sem origem, filho de um fogueteiro, filho da puta, pode lá se comparar ao Augusto Correia, dono de fábrica de camisas, de projetos da SUDENE, ao Deoclécio Mamede, cujo avô já foi deputado federal e cujo pai está deixando a vaga para ele?...

Muita coisa mais saiu no desabafo do álcool em que estava ensopado.

De manhã, às dez horas, acordei numa tremenda ressaca moral. Era puro arrependimento. Liguei para Oscar que, de mal humor ou de sacanagem, levou mais aflição ao aflito:

- Realmente, não ficou ninguém: você defendeu a cassação de Frederico Vieira por haver desviado verbas federais, falou mal de Deoclécio Mamede, da pobre mulher do Augusto Severo. Foi ruim! Isso pode até impedir que eles se licenciem para que você assuma.

- Foi ruim, mesmo, Oscar, - murmurei eu.

- Foi, você estava bêbado de ser derrubado por um chapéu!

- E isso pode me prejudicar?

- Ora se pode. Afinal você não vai brigar com todo o mundo, além de que foi a cidade que lhe deu a maior colher de chá. Você vai ter de tentar de novo... e esse pileque contou negativamente. Você perdeu, no mínimo, mil votos com ele.

Mais aumentou meu desespero que somente serenou quando Alfredo me telefonou. Ele queria que eu o apresentasse ao gerente do Banco do Norte que fora meu colega de turma e a quem ele não conhecia. Disse que fora um pileque como qualquer outro e que àquela hora quase só estavam presentes os garçons. Saía na urina, foi a conclusão, e acrescentou:

- Não esquenta a cabeça. Eu passo aí para irmos ao banco.

Este livro foi impresso nas oficinas
da Expressão Gráfica e Editora Ltda.
em tipo ITC Century, corpo 12, papel
offset 75 g. em julho de 2007.



Rua João Cordeiro, 1285
(85) 3253 2222 • Fortaleza-CE
www.expressografica.com.br

MEMBRO DA CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO

